



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOSÉ FONSECA SOARES

SÍNODO DOS BISPOS PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO
Uma leitura teológica-pastoral da assembleia sinodal de 2012

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2014

SIGLÁRIO

AAS	Acta Apostolicae Sedis
AG	<i>Ad Gentes</i>
CCE	Catecismo da Igreja Católica
DSI	Doutrina Social da Igreja
DV	Constituição Dogmática « <i>Dei Verbum</i> »
DGC	Diretório Geral da catequese
EE	Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Europa</i>
CL	<i>Christifidelis Laici</i>
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americano
EN	Exortação Apostólica « <i>Evangelii Nuntiandi</i> »
EG	Evangelii Gaudium
GS	Constituição Dogmática « <i>Gaudium et Spes</i> »
IM	<i>Inter Mirifica</i>
L	Lineamenta
LG	Constituição Dogmática « <i>Lumen Gentium</i> »
IL	Instrumentum Laboris
MC	Exortação Apostólica « <i>Marialis Cultus</i> »
PF	<i>Porta Fidei - Porta da Fé</i>
RM	Encíclica <i>Redemptor Missio</i>
RM	Carta Encíclica « <i>Redemptoris Mater</i> »
SC	Constituição Dogmática « <i>Sacrosanctum Concilium</i> »

INTRODUÇÃO

Porque, no passado (e ainda no presente), se usou e abusou da palavra, o Homem parece imunizado contra ela.

Assim, a evangelização, que pertence à própria missão que a Igreja recebeu do seu Fundador, vê-se confrontada com dificuldades acrescidas. O aspeto positivo de tal situação é chamar-nos a atenção para o papel essencial do testemunho na prática pastoral da Igreja, pois, como disse Paulo VI, o Homem contemporâneo é mais sensível às testemunhas que aos mestres.

O trabalho a que me proponho é explicar, o melhor possível, de que trata a Nova Evangelização e por que foi convocado um sínodo especial sobre a Nova Evangelização.

A Evangelização é, consabidamente, um tema importante e sumamente abrangente. Daí que Paulo VI tenha afirmado: «É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais» (EN 17).

Pretendo, acima de tudo, refletir sobre o relevo que esta temática assume na ação pastoral da Igreja, conscientes como estamos da sua importância.

Numa primeira parte, abordarei o período preparatório do Sínodo dos Bispos, para a Nova Evangelização (2012), o amanhecer do Sínodo.

Nos pontos seguintes, abordarei um documento de grande relevância para este Sínodo, o *Instrumentum laboris*. Farei uma referência à participação dos Padres sinodais portugueses, sublinhando os principais temas das suas intervenções na Aula Sinodal. Por fim, ressaltarei a mensagem de Bento XVI proferida na Missa de encerramento dos trabalhos sinodais.

No terceiro capítulo abordarei a fase-pós-sinodal. Começarei por apresentar as proposições elaboradas pelos Padres sinodais, onde expressam as suas preocupações acerca deste tema.

De seguida, nesta fase ocorreu um acontecimento crucial para a compreensão deste Sínodo, que foi a resignação de Bento XVI com a consequente eleição do Papa Francisco.

Por fim, empreenderei uma análise à Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de um modo mais incisivo no referente aos Agentes da Nova Evangelização e caminhos e meios para a concretização da mesma.

CAPITULO I - AURORA DO SÍNODO

A primeira ideia que nos fica deste Sínodo é que não foi um acontecimento desenraizado da vida eclesial. Pelo contrário, encontra-se inserido numa meditação constante da Igreja à volta do tema da Nova Evangelização. Antes da convocatória feita por Bento XVI, já outros papas tinham meditado e aprofundado este tema. A decisão de Bento XVI está, por conseguinte, em continuidade com o pensamento dos seus predecessores. Imediatamente após a convocatória inicia-se a fase preparatória do Sínodo, pautada por um documento crucial: *Lineamenta*. Ortega y Gasset dizia que o Homem é «ele e as suas circunstâncias». Segundo esta orientação, neste primeiro capítulo, pretendo abordar os antecedentes desta ação sinodal. Ou seja, apresentar o período preparatório do Sínodo dos Bispos para a Nova Evangelização (2012).

1. Convocação e objetivo do Sínodo

Na homilia da missa conclusiva da Assembleia Especial para o Médio Oriente do Sínodo dos Bispos (24 de Outubro de 2010), Bento XVI fez suas as preocupações emersas naquele reunião sinodal, a saber: «a necessidade de repropor o Evangelho às pessoas que o conhecem pouco, ou que até se afastaram da Igreja, [...] a urgente necessidade de uma nova evangelização, inclusive para o Médio Oriente» e acrescentava: «Trata-se de um tema muito difundido, sobretudo nos países de antiga cristianização»¹. Nesse sentido, anunciava que a seguinte Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, a realizar no outono de 2012, seria dedicada ao tema: “*Nova evangelizatio ad christianam fidem tradendam* – A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”.

¹http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20101024_chiusura-sinodo-mo_it.html.

Na alocução do *Angelus*, o agora Papa emérito, voltava ao tema. Aí, sobretudo, ficava bem clara a preocupação deste: relacionar a Igreja e a missão. Valendo-se da celebração do Dia Mundial das Missões, que decorria nesse domingo e que tinha por tema: “A Igreja Católica no Médio Oriente: comunhão e testemunho”, Bento XVI citava, então, Paulo VI que mostrava que a evangelização faz parte da própria essência da Igreja: «A Igreja existe para evangelizar» (EN 14). Mais, mostrava que a Igreja faz-se presente nas várias partes do mundo pela ação dos cristãos: «A Igreja está presente e trabalha para acolher todos os homens e para lhes oferecer em Cristo a plenitude da vida»².

Nestes dois momentos, Bento XVI discorria sobre o tema da Nova Evangelização, e ao fazer a convocação do Sínodo de 2012 ficava clara a sua preocupação em centrar-se numa reflexão sobre a própria Igreja e sobre o que a mesma Igreja tem para oferecer ao mundo deste tempo, que resumia na pessoa de Cristo: «para lhes oferecer em Cristo a plenitude da vida»³. Por outro lado, já na formulação do título do Sínodo de 2012, apontava a finalidade da Nova Evangelização, «para a transmissão da fé cristã», ou seja, sem perder de vista esse objetivo de oferecer o cerne da fé cristã – a própria vida de Cristo – ao mundo de hoje.

Esta preocupação não é nova, e já havia sido manifestada pelos seus predecessores. Paulo VI, por exemplo, fala da necessidade de intensificar a evangelização, por causa das «situações de descristianização, frequentes nos nossos dias» (EN 52), acordando assim para a missão evangelizadora da Igreja.

Esta *Nova Evangelização*, termo que se tornou fundamental na reflexão da Igreja, sobretudo após o Sínodo dos Bispos de 1974⁴ e da Exortação *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI (1975), declara que "Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja e a sua mais profunda identidade" (EN 14) e explica: «Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo

² http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_ang_20101024_po.html.

³ *Ibidem*.

⁴ Cfr. Declaração dos Padres Sinodais, nº4: *L'Osservatore Romano*, 27 de Outubro de 1974,6.

transformá-las a partir de dentro, tornando nova toda a humanidade: Eis que faço de novo todo as coisas» [Ap 21,21,5;2 Cor. 5,17; Gál 6,15] (EN 18).

O Pontificado de João Paulo II foi marcado pelo signo da "nova evangelização"⁵. O Papa usou esta expressão, pela primeira vez, em 1979, no Santuário de Santa Cruz de Mogila, na cidade industrial de Nowa Huta – Polónia, meses após ser eleito.⁶

Quando o Papa João Paulo II usa o termo "nova evangelização", não significa uma nova mensagem. "A evangelização não pode ser nova no seu conteúdo desde o seu tema, mas é sempre o Evangelho dada em Jesus Cristo"⁷. Acerca da evangelização da Igreja, dizia que o principal era a proclamação da mensagem cristã básica: a salvação através de Jesus Cristo (RM 2,3,4,5,6,18 ; LG 1).

Nesta fundamentação da mensagem básica da vida eterna em Deus, João Paulo II aprofunda a noção de evangelização, concluindo que há uma multiplicidade de atividades na missão da Igreja. Afirma que a evangelização não deve ser limitada aos incrédulos individuais, mas também dirigida aos cristãos não-praticantes e a culturas inteiras⁸ (aquelas que precisam de se re - evangelizar e àqueles que levam uma vida distante de Cristo e do Evangelho) [RM 33,37].

No seu discurso à CELAM, no Haiti, em 1983, fala da necessidade de uma "nova evangelização".

Na realidade a ideia da *nova evangelização* levada ao limite, na perspectiva de Medellín e

⁵ O Papa João Paulo II utilizou pela primeira vez esta expressão "nova evangelização" numa homilia pronunciada a 9 de Junho de 1979, na Polónia, por ocasião da celebração do primeiro milénio do cristianismo, na Polónia.

⁶ «Dá início a uma nova evangelização, como se tratasse de um segundo anúncio, embora, de facto seja sempre o mesmo». http://www.osservatoreromano.va/es/news/la-nueva-evangelizacion-segun-el-papa-wojtya#.U2_1CfldX6E.

⁷ "A tarefa dos Bispos Latino-Americanos ", *Origens* 12 (24 de março de 83) 659-62.

⁸ O Decreto Conciliar sobre a Atividade Missionária da Igreja (*Ad Gentes*), refere-se à ação da Igreja entre os povos que ainda não conhecem Jesus Cristo e onde a Igreja não está implantada e apresenta um itinerário em quatro tempos, que vão desde o testemunho até à constituição da própria comunidade cristã. É um processo paradigmático de evangelização tendo em conta os destinatários a que se dirige (AG 11,12).

Puebla, já estava presente no contexto do Concílio Vaticano II, não simplesmente como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida, tal como havia recomendado o Papa Paulo VI no final do mesmo: «Um Concílio não termina de maneira definitiva com a promulgação dos decretos, pois estes mais que o ponto de chegada, são um ponto de partida para novos horizontes.»⁹

João Paulo II, na Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988), constata:

"Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar económico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver como se Deus não existisse." (CL 34)

Consciente da complexidade e abrangência desta tarefa, João Paulo II, no discurso do Haiti, iria falar de uma nova evangelização: «Nova no seu ardor, nos seus métodos, na sua expressão»¹⁰.

O Papa afirma na sua exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, o que já teria dito Paulo VI:

- Evangelização no seu ardor: «Uma evangelização inspirar no fervor que se pode, sempre na vida dos grandes pregadores e evangelizadores que se consagraram ao apostolado». Esta falta de ardor manifesta-se no cansaço e na deceção no acomodamento e especialmente na falta de alacridade e esperança em muitos evangelizadores (EN 80).

⁹ PAULO VI, *Congresso Internacional de Teologia Island. Concilio Ecuménico Vaticano II, Documentação Católica*, n. 63, 1966, 1731.

¹⁰ «A comemoração do meio milénio da evangelização terá o seu pleno significado se for compromisso vosso como bispos juntamente com o vosso presbitério e fieis, compromisso não de re-evangelização, mas antes de uma nova evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos, na sua expressão». (João Paulo II, em Porto Príncipe, Haiti, Discurso à XIX Assembleia do CELAM, 9.3.1983.

- Evangelização nova nos seus métodos: «Este problema do “como evangelizar” apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias do tempo, de lugar e de cultura, e lançam por isso mesmo, um desafio em certo modo à nossa capacidade de descobrir e de adaptar»; «Incumbe o cuidado dos pastores da igreja de remodelar com ousadia e prudência e numa fidelidade total no seu conteúdo.» (EN 40).
- Uma evangelização nova, na maneira, e nas suas expressões: «na mensagem que a Igreja anuncia, há certamente muitos elementos secundários. A sua apresentação depende, em larga escala, das circunstâncias imutáveis» (EN 25). «É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar.» (EN 29).

Assim, "tempo novo" e "novo contexto" exigem "nova evangelização"¹¹. Uma "nova" evangelização não é, portanto, um desafio ou uma exigência apenas de hoje e para hoje.

Neste fio condutor, o Papa Bento XVI reafirmou a necessidade para a Nova Evangelização.

A saída proposta por Bento XVI, é uma nova evangelização, conforme afirmou e fortaleceu com a instituição de um novo Dicastério¹².

No dia 12 de Outubro de 2010 publicou o *Motu Ubicumque et semper*¹³ (toda parte e sempre), e nesse mesmo ano, pela festa de São Mateus, Apóstolo (21 de Setembro) foi assinado em Castelo Gandolfo¹⁴.

¹¹ Rino, FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012, 96.

¹² Durante a celebração das vésperas dos Santos Apóstolos, Pedro e Paulo, o Papa Bento XVI anunciou a decisão de criar um novo Dicastério da forma de " Conselho Pontifício" confiado de promover a "Nova Evangelização", especialmente naqueles países de antiga tradição cristã, em que por dinâmicas completas e a progressiva secularização a sociedade vive " uma espécie de eclipse do sentido de Deus, que constitui um desafio a encontrar meios adequados para voltar a pôr a perene verdade do Evangelho de Cristo".
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20100628_vespri-pietro-paolo_po.html.

¹³ O título vem da primeira linha do motu próprio "A Igreja tem o dever ,sempre e em todos os lugares para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo". Ele, o primeiro e supremo Evangelizador, no dia da sua ascensão ao Pai, ordenou aos Apóstolos: «Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando - os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo o que vos tenho mandado» [Mt 28, 19-20].

<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/ubicumque-et-semper>.

¹⁴ *Ibidem*.

Este *Motu* tem por fim «"refletir" e "encontrar formas adequadas" para anunciar o Evangelho aos muitos batizados, que não compreendem mais o sentido de pertença à comunidade cristã», proferiu, Dom Rino Fisichella¹⁵.

Logo no início da Carta Apostólica *Porta Fidei*, Bento XVI diz que desde o início de seu pontificado procurou lembrar a necessidade de redescobrir o caminho da fé e a Igreja no seu conjunto, e os pastores nela, como Cristo, devem pôr-se a caminho, para conduzir os homens fora do deserto, para lugares da vida, ao encontro de Jesus.¹⁶

Predominam, neste início do seu pontificado, três linhas : 1) que a fé é um caminho, um encontro com Cristo; 2) que a Igreja, cuja razão de ser é a evangelização, tem que pôr-se a caminho para conduzir os homens do deserto, para lugares da vida; 3) por último, que o caminho é do deserto para os lugares da vida.

Esta "*Nova Evangelização*", que o Papa Bento XVI aclama, tem que ser nova no seu ardor, métodos e expressões.

2. Evangelização na História da Igreja

Com a palavra Evangelização indica-se a ação, a forma/maneira de anunciar o Evangelho que é a Boa Nova de Nosso Senhor Jesus Cristo, que parte da Igreja para os irmãos. Este anúncio implica uma mudança radical, uma metanoia (conversão) que consiste no reconhecimento do Filho de Deus, Jesus Cristo, como Senhor e Salvador, na abertura ao Espírito Santo e na disponibilidade e entrega ao amor incondicional de Deus Pai¹⁷.

O termo *Evangelizar* tem fundamentos bíblicos ou “extra-bíblicos”¹⁸. No Antigo Testamento encontra as suas equivalências nas seguintes expressões: “proclamar boas

¹⁵ Presidente do Conselho Pontifício, para a Promoção da Nova Evangelização.

¹⁶ BENTO XVI, carta apostólica. *Próprio Porta Fidei* (11 de outubro de 2011), 2: AAS 103 (2011), 723.

¹⁷ F. CONESA, *Evangelización*, in *Diccionario de Teologia*, Pamplona, EUNSA, 371.

¹⁸ A expressão extra - bíblico equivale : fora do ambiente bíblico , surge na convivência Humana.

notícias, anunciar -uma mensagem-de-alegria”, “anúncio de acontecimentos salvadores”¹⁹. Por exemplo: quando se anuncia a alegre notícia dum filho [Jer 20,15] ,anúncio da vitória dum povo sobre os seus inimigos [ISam 31,9], ou então, a morte dum inimigo temível e terrível ao mesmo tempo e pode se significar a salvação que Deus vai operar em favor da humanidade.²⁰ No Deutero-Isaías, o profeta aparece como o arauto, anunciador da paz e da vitória de Deus, desde o cimo da montanha [Is 52, 7]; o Salmo [Sl 96], seguindo a linha do Deutero-Isaías, refere o anúncio proclamado como destinado a todos os povos e nações, sobretudo os pagãos.²¹

No Novo Testamento significa anúncio e prática do Evangelho de Jesus Cristo, que se centra na mensagem do reino de Deus; o mesmo é dizer: «proclamar o *kerigma* ou anúncio do Evangelho, isto é, a vida, morte e ressurreição de Jesus»²². Isto implica a descoberta e divulgação da alegria salvífica constante no projeto de vida de Deus, manifestado plenamente em Cristo. Evangelizar é a missão constitutiva da Igreja e do discurso crente do batizado²³. Jesus Cristo apresenta-se como primeiro anunciador, evangelizador, o Profeta, poderoso em obras e palavras, o Profeta que não só falou, mas com a vida deu exemplo ao mundo. Revela-se a caminho de Emaús [Lc 24, 19] e em [Mc 1,15 e Heb 3,1] Jesus assume a missão evangelizadora e prega a conversão. É o Apóstolo, o Enviado por excelência do Pai.²⁴

S. Paulo é quem emprega com maior frequência a palavra "Evangelho", dirigindo-se preferencialmente aos pagãos, em ordem ao seu primeiro anúncio.

Como missionário, sente-se «expelido para o Evangelho» [Rom 1,1], sabe muito bem, e di-lo expressamente, que se trata do Evangelho de Deus, primeiro autor e revelador da salvação.

¹⁹ Cassiano FLORISTÁN, *Evangelização*, in *Dicionário de pastoral*, 216.

²⁰ Cassiano FLORISTÁN, *Evangelização*, in *Dicionário de pastoral*, Perpétuo Socorro, Porto Portugal, 1990, 216.

²¹ F. CONESA, *Evangelización*, in *Diccionario de teología*, 371.

²² Cassiano. FLORISTÁN, *Evangelização*, in *Diccionario de pastoral*, 216.

²³ *Ibidem*.

²⁴ F CONESA , *Evangelizacion*, in *Diccionario de Teología*, 371.

Mas também explica que é «o Evangelho do Filho de Deus» [Rom 1,9]. Não recusa assumir a responsabilidade, pois diz: «este é o meu Evangelho» [Rom 2,16] e persiste em agregar o seu esforço ao dos outros Apóstolos e da Igreja inteira: «o nosso Evangelho» [II Cor 4,3].

S. Paulo, «modelo evangelizador», é essa a relação forte com Cristo vivo que o leva a evangelizar, com paixão, com ousadia, com método, com dedicação total da vida.²⁵

Evangelizar designa a atividade dos cristãos que deve ser orientada para suscitar e alimentar a fé dos irmãos.

O termo foi usado oficialmente em contexto ecuménico por Robert Speer, da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América em 1900²⁶.

No seio católico o termo começa a ganhar espaço a partir do Concílio Vaticano II: era entendido no início como o ministério da palavra. Mas a partir do Sínodo dos Bispos de 1974 sobre a “Evangelização do mundo contemporâneo”, o termo evangelização alarga-se e abre novos desafios e horizontes. Passa a ser: «toda a atividade por meio da qual o povo de Deus suscita e nutre a fé viva (*Instrumentum laboris*, II, 26)»²⁷.

O Papa Paulo VI, nesta larga e complexa visão, considera a Evangelização como o anúncio de Cristo àqueles que O desconhecem, pregação (ministério da Palavra), catequese (instrução), Batismo (porta de entrada pela fé), e de outros Sacramentos que a Igreja confere aos cristãos. Esta visão mais ampla da palavra, não cabe numa definição parcial e fragmentária, tendo em conta a sua riqueza e complexidade concomitantemente (EN 17).

No sentido mais amplo “evangelizar” implica uma constante renovação da humanidade, testemunho e anúncio explícito, adesão do coração movido pela novidade do Ressuscitado, que pelos sacramentos os cristãos são convidados a entrar na comunidade, livremente aceitando os sinais e iniciativas do apostolado eclesial²⁸.

²⁵ Anacleto de OLIVEIRA, *Um ano a caminhar com São Paulo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008, 3.

²⁶ Sérgio LANZA, *Evangelização*, in *Christos*, Enciclopédia do Cristianismo, 341.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Sérgio LANZA, *Evangelização*, in *Christos*, Enciclopédia do Cristianismo, 341.

O Papa Paulo VI continua a insistir na resposta crente que damos perante o mundo: o evangelizado por sua vez, evangeliza. E aponta para um ponto fundamental a que poderemos apelidar por “alavanca” da evangelização: «não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra» (EN 24).

No processo da Evangelização é preciso ter em conta o “essencial” ou melhor, a centralidade do anúncio que é o “Reino de Deus”, o que está à volta e Seu desejo de oferecer a salvação à humanidade degenerada pelo pecado. Jesus com a Sua Palavra e ação torna presente a salvação de Deus na humanidade²⁹. A Evangelização tanto se pode dirigir aos pagãos (missão ad gentes), como também aos batizados que ao longo da sua caminhada histórico-cristã e por diversas vicissitudes e circunstâncias tenham desanimado na fé em Cristo Jesus (o que vamos denominar por Nova Evangelização)³⁰. Como se pode ver, a Evangelização para além da sua pertinência e complexidade, é um processo vasto e longo que requer maior atenção de todos os agentes de pastoral.

A Igreja no seu diálogo/confronto constante com o mundo/sociedade tem sabido receber da história a evolução do género humano nas suas diversas vertentes (psicossomáticas, culturais, históricas, espirituais, etc).

Ela procura adaptar³¹ o evangelho à cultura do homem e mulher do nosso tempo.

Todos sem exceção de ninguém e sobretudo, os pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, na linguagem do concílio Vaticano II "saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo conveniente"³².

²⁹ F. CONESA, *Evangelización*, in *Diccionario de Teologia*, 372.

³⁰ Manuel Franco FALCÃO, *Evangelização*, in *Enciclopédia Católica Popular*, Paulinas, 2ª Beja –Portugal, 2006,197.

³¹ Adaptar o evangelho no mundo atual é urgente. Algo que num passado muito recente não se fez na África cristã.

³² GS 44.

3. Aproximação a um conceito de Sínodo

A palavra *sínodo* vem do grego *Synodo*³³, ou seja, caminhar juntos, caminho em comum. Aplicada à comunidade cristã em que os sínodos transpareciam por um lado o carácter itinerante de peregrinos que caminham, por outro lado as pausas que se davam num determinado momento para retemperar forças e continuar a caminhar, este termo entrou em linguagem eclesial através de Eusébio de Cesareia, que atestou a realização do mesmo no tempo de Dionísio de Alexandria³⁴.

Contudo a realização de sínodos é datável desde o século II, sendo um organismo bastante solicitado, como meio de dissipar erros e aperfeiçoar a disciplina.

Os bispos que supervisionavam cidades e as suas jurisdições se preocupavam em reunir-se com os que estavam mais longe e mais perto para tentarem resolver situações do governo das suas comunidades e até problemas sócio-políticos da época.

Foi uma prática que se enraizou com o decorrer do tempo, o qual se começaram a usar as palavras *Sínodo* e *Concílio* para significar assembleias eclesiais onde bispos presbíteros e leigos deliberavam as suas aspirações comuns.

Os mais antigos sínodos episcopais datam da segunda metade do século II na Ásia Menor, contra os montanistas³⁵. No ano 197 reúne-se em Roma para discutir e tratar da questão sobre a Páscoa. Já no ano 256 no século III, o Bispo de Cartago convocou os Bispos norte africanos para tratar do problema da administração do Batismo nos cismáticos.

Porém, é necessário efetuar a devida distinção. O termo *Concilium* em sentido eclesial,

³³ José António SOUTO, *Sínodo diocesano*, in *Gran enciclopedia Rialp*, XXI, Ed. Rialp, Madrid 1989,425.

³⁴ *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia* / Peter Eicher, tradução João Resende Costa, São Paulo: Paulus, 1993,830.

³⁵ A doutrina do montanismo, dificilmente atacável do ponto de vista dogmático, criou dificuldades para a Igreja; não foi fácil a esta combatê-la eficazmente. Na Ásia Menor reuniram-se vários sínodos (provavelmente os primeiros da história da Igreja: Eusébio, HE 5,16,10; Anônimo) para porem um freio à expansão do movimento, perigosamente rápida e bem depressa também organizada. O ponto em que se centrava toda a questão era se se deveria considerar a "nova profecia" como uma real efusão do Espírito ou, então, como uma possessão demoníaca. (<http://www.e-cristianismo.com.br/en/history-general/170-montano-e-o-montanismo>).

encontra-se em Tertuliano, e é usado mais frequentemente em acções colegiais do género plenário (concílio ecuménico) ou regional (concilio provincial). É importante dizer que *concilium e eklesia* são etimologicamente análogas. *Concilium* vem de *concalare* e significa "reunião".

Eklesia procede do grego *Kaléô* o qual corresponde ao latim *calo* e significa reunião, chamada, a comunidade do povo de Deus.

Aí já se deduz que a construção sinodal ou conciliar da igreja constitui parte do ser da Igreja. Por conseguinte, quem fala de sínodo ou concílio, diz algo sobre a construção, bem como a instituição interna (não só externa) da Igreja³⁶.

Enquanto o termo *Sínodo* tem uma função consultiva, embora forte, um exercício de colegialidade afetiva de todos os bispos com o Santo Padre.

O Sínodo serve para refletir, discutir e aconselhar o Papa sobre diversos assuntos relacionados com a vida da Igreja. É um órgão consultivo e não deliberativo.

Temos, assim, o Sínodo dos Bispos criado por Paulo VI³⁷ para assim dar cumprimento aos desejos do Concílio Vaticano II, confiados no decreto *Christus Dominus* (CD 5). Destina-se a permitir uma melhor e mais efetiva participação dos Bispos de todo o mundo no governo central e orientação geral da Igreja, em consonância com o princípio da colegialidade episcopal.

É constituído por Bispos de diversas regiões, na sua maioria eleitos nas conferências Episcopais, por alguns membros da Cúria e superiores - gerais dos institutos religiosos clericais.³⁸ É presidido pelo Papa ou seu representante. A ele pertence convocá-lo, suspendê-lo ou dissolvê-lo.

³⁶ *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia* / Peter Eicher; tradução João Resende Costa, São Paulo, Paulus, 1993,830.

³⁷ *Apostólica Sollicitudo*, 15.9.1965 (C.342-348).

³⁸ António LEITE, *Sínodo*, in *Verbo. Enciclopédia Lusos-Brasileira de cultura* ,17, ed. Verbo, Lisboa 1975,235.

O Sínodo usufrui apenas de voto consultivo, a não ser que, em algum caso, o papa disponha o contrário ³⁹. O assunto a tratar é escolhido pelo Sumo Pontífice, tendo em conta as sugestões dos diversos episcopados.

A sua periodicidade no princípio, foi estabelecida de dois em dois anos, depois fixada em três.

3. 1. *Modo de atuação*

O Motu próprio "*Apostólica Sollicitude*" falava de assembleia-geral: extraordinária e especial.

O CIC define dois tipos: assembleia geral (ordinária 3 em 3 anos; e extraordinária se é fora deste tempo) e especial (nacionais ou regionais).

3. 2. *Quanto à metodologia*

O Papa consulta o episcopado sobre o tema. Os resultados chegam à Secretaria-geral. Desta consulta elaboram-se os "*Lieneamenta*" que se expedem para nova reflexão. Das achegas enviadas aparece o "*Instrumentum Laboris*", para um estudo aprofundado das questões. No final aparece o "*Relatio*" que é a base de trabalho dos que são convocados ao Sínodo. Dá-se a Assembleia Sinodal que dura em média 2 a 4 semanas, que elaboram as propostas. Estas são entregues ao Papa, que depois de compostas são publicadas em Carta Apostólica.

³⁹ António LEITE, *Sínodo*, in *Verbo. Enciclopédia Lusos-Brasileira de cultura, edição Século XXI,26,Ed.verbo Lisboa 2003,1371.*

3. 3. Membros - no ordinário e no extraordinário

Do Sínodo ordinário fazem parte membros eleitos pelos Bispos; outros designados pelo direito: Patriarcas; Arcebispos - fora do Patriarcado da Igreja Católica de rito oriental; Metropolitas "*Sui iuris*", os prefeitos dos Dicastérios da Curia Romana; uma parte dos superiores maiores dos Institutos Religiosos Clericais e alguns nomeados pelo Papa.

Ao Extraordinário vão somente os presidentes das Conferências episcopais, três religiosos e os Cardeais Presidentes dos Dicastérios romanos.

O Conselho da Secretaria do Sínodo é formado por quinze membros (três por cada continente), e mais três membros nomeados pelo Papa.

O Sínodo será tanto mais rico, quanto a participação do povo de Deus (comunidades locais e conferências episcopais).

Há também Sínodos especiais de bispos de determinadas regiões.

Temos ainda os Sínodos diocesanos na Igreja latina. São uma assembleia de sacerdotes representantes do clero diocesano, dirigida a tratar de assuntos referentes ao clero e fiéis leigos da diocese. É, sem dúvida, o organismo com mais impacto na vida igreja particular. Mostra a sua importância a quantidade dos que já se celebraram e dos que estão convocados. É a expressão máxima da co-responsabilidade na igreja particular, vivendo a diocesanidade.

O CIC de 1917 tratava dele no título da "*Potestade Episcopale*", no capítulo III⁴⁰. Aqui dizia-se que devia celebrar-se " ao menos cada 10 anos" C.356. Celebrar-se na Igreja catedral, convocado pelos bispos C.357. Depois apresentava a lista dos que deveriam ir ao sínodo (de direito nato e os que o bispo nomeava) C.358. Deveria o Bispo nomear comissões que preparassem o Sínodo. Recordava, a terminar, que só o bispo era legislador do Sínodo e as constituições aí elaboradas, só passavam a ter valor depois de promulgadas por ele.

⁴⁰ CIC, n 356-362.

Era apenas clerical (Vigários, Cónegos, Reitor do Seminário, arceprestes, abades, padres seculares...), não se prevendo a participação de leigos.

O Bispo é o único legislador do Sínodo diocesano, os demais têm voto consultivo (C.466).

Costumam aprovar-se no Sínodo diocesano as constituições diocesanas, que, por isso, se intitulam constituições sinodais⁴¹.

Poderemos também retroceder, no tempo, à instituição do Sínodo diocesano nos tempos apostólicos. Vemos como S. Paulo foi recebido em Jerusalém por S. Tiago Menor, bispo da cidade, com os presbíteros, tendo discutido a necessidade da circuncisão [Act 21,18-25].

Existindo, assim, um bispo desde os primeiros tempos em cada comunidade cristã, rodeado pelos presbíteros e incumbido de tratar dos problemas doutrinários e pastorais.

O CIC de 1917 descreveu a periodicidade de 10 anos para o Sínodo diocesano, sendo que em muitas dioceses não se celebrou nenhum.

Em Portugal há notícia da celebração do sínodo na época medieval, sobretudo em Braga e Lisboa, geralmente para constituições diocesanas. Depois do Concílio de Trento, Fortunato de Almeida enumera 16 no século XVI, 25 no século XVII e 7 no século XVIII sendo o último o de Miranda em 1761⁴².

Na diocese de Lamego, existiram, ao longo dos tempos, oito sínodos diocesanos. O primeiro Sínodo foi em 1171 e o Bispo era D. Mendo.

O último Sínodo foi em 31 de Agosto de 1953, por convocatória de D. João da Silva Campos Neves, para comemorar o tricentenário de D. Miguel de Portugal. Transcorreu assim o último Sínodo na história da diocese até aos nossos dias⁴³.

⁴¹ Ibidem, 460-465.

⁴² António LEITE, *Sínodo*, in *verbo. Enciclopédia Lusos-Brasileira de cultura, edição Século XXI*, 26, Ed. *verbo Lisboa*, 2003, 1372.

⁴³ Joaquim DUARTE, *História da Igreja de Lamego, Diocese de Lamego*, 2013, 692-705.

4. OS *LINEAMENTA*⁴⁴, URGÊNCIA E CENÁRIOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Foi apresentada na manhã do dia 2 de Fevereiro de 2011, na sala de imprensa da Santa Sé, o documento dos *Lineamenta* (um esquema elaborado e sujeito à discussão) da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, intitulada "*Nova evangelizatio ad christianam fidem tradendam – A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*".

O prefácio fala do afastamento da igreja nos países tradicionalmente cristãos, "endereçoada a quantos se afastaram da Igreja nos países da antiga cristandade". Continua, dizendo que o objetivo da próxima assembleia sinodal será examinar a situação atual nas Igrejas particulares e traçar, em comunhão com o Santo Padre Bento XVI, os novos métodos e meios para transmitir, "boas notícias" para as pessoas no mundo atual ,com um entusiasmo renovado adequado aos santos, "alegres testemunhas do Senhor Jesus Cristo". Na conclusão afirma que a nova evangelização não significa um "novo Evangelho", mas sim uma nova respostas às necessidades da humanidade e às pessoas hoje. Esta é uma nova visão, para uma profunda situação que traz alegria e liberta as pessoas. Significa compartilhar o desejo profundo do mundo para a salvação e tornar a nossa fé perceptível, comunicando o Logos da esperança. Os obstáculos para a nova evangelização são precisamente a falta de alegria e esperança. A aspiração final é que o mundo está habituado a receber a Boa Nova não de evangelizadores, desanimados, impacientes, ansiosos, mas a partir de ministros do Evangelho cuja vida irradie um ardor.

Há um reconhecimento neste aspeto de um mundo diferente, uma perda de fé na partes tradicionalmente católicos no mundo, um desejo entre as pessoas para uma mensagem de esperança de um despertar e levantar testemunhas do Evangelho que vai passar como mensagem de vida.

⁴⁴ É um documento escrito, em preparação para a convocação de uma assembleia especial de bispos, antes de acontecer um sínodo. Intenta encorajar os bispos a convidar todos na Igreja a participar para que eles possam discutir e fazer um inventário pastoral.

A introdução é importante, porque situa a evangelização em si mesmo. Deus tem a iniciativa de comunicar-se em nós em Jesus Cristo. Por isso, em tom de advertência sobre a necessidade de o cristão evangelizar, «os homens poderão salvar-se por outras vias, graças à misericórdia de Deus, se nós não lhes anunciarmos o Evangelho...» (L 2). O pensamento mais profundo no texto é o reflexo da verdade teológica que Deus comunica com as pessoas que não estão à procura d'Ele! «Fui achado pelos que não me procuram; tornei-me visível aos que não perguntam por mim» [Rm 10, 20] (L 3).

O ministro do Evangelho, o cristão é aquele que foi tocado por Deus e, como resultado quer partilhar a sua experiência, a sua fé, a alegria que ele encontrou.

A obra da evangelização é obra do Espírito Santo, nós somos seus instrumentos.

No primeiro capítulo (Tempo para uma "Nova Evangelização") o conceito é, mais uma vez, discutido e com mais desempenho. Neste aspeto, fica claro que a questão é uma renovação do esforço espiritual para enfrentar novos desafios que a sociedade atual e as culturas, em rápida mudança, trouxeram para a fé cristã. Toda "a nova Evangelização é, antes de mais, uma ação espiritual, a capacidade de assumir, no presente, a coragem e a forçados primeiros cristãos" (L 5).

Refere-nos o texto que a expressão "nova evangelização" não é aceite totalmente dentro da Igreja e entre os outros cristãos. É vista como um prejuízo negativo sobre a Igreja do passado, uma forma de sectarismo e uma possível mudança de atitude em relação aos não-crentes. Salienta-se a importância do primeiro ponto (L 5) sobre o passado da Igreja. Seria de esperar que não fosse uma presunção de que nós somos os únicos que têm a luz, e ter todas as respostas, em contraste com o nosso passado.

A proposta do Papa Bento XVI, na metáfora do "Átrio dos Gentios", parece falar de um modo mais humilde da presença com os outros o que é muito desejável. A preocupação de todos os povos, crentes e não crentes que emanam um desejo de estar ao serviço do mistério para a qual e da qual a Igreja é a motivação de que a Igreja necessita, "a Igreja deveria

também hoje abrir uma espécie de "pátio dos gentios" onde os homens pudessem de qualquer modo agarrar-se a Deus, sem O conhecer e antes de terem encontrado o acesso ao seu mistério, a cujo serviço está a vida interna da Igreja" (L 5). A preocupação repetida aqui para auto-avaliação, para a purificação e de contínuo discernimento, dá esperança de que o espírito que anima o presente esforço de revitalização irá evitar erros que a Igreja cometeu ao longo dos anos.

Neste ponto passa a delinear os setores da sociedade contemporânea, que colocam desafios para a evangelização. Os grande desafios, que nas ultimas décadas desafiam, interpelam a Igreja, na Nova Evangelização, a secularização⁴⁵ e a globalização o qual a Igreja, deve enfrentar, propondo uma resposta adequada numa atitude arrojada. Por isso, há que saber descobrir e discernir sobre os novos cenários.

O primeiro cenário cultural é marcado por uma profunda secularização, « que perdeu a capacidade de escutar e compreender as palavras do Evangelho como mensagem viva e revigorante» (L 6).

"Muitos aspetos positivos da redescoberta de Deus e do sagrado em várias religiões são obscurecidos pelo fenómeno do fundamentalismo, que muitas vezes manipula a religião para justificar a violência e até mesmo o terrorismo" (L 6).

Com um discurso aberto contra Deus, a religião e o cristianismo foram postos à parte, à margem da existência da consciência humana, o qual se apresenta sob a forma do indiferentismo e do relativismo em que não há lugar para Deus « A "morte de Deus"⁴⁶, proclamada por muitos intelectuais no passado...» (L 6).

⁴⁵ Em sentido estrito, a secularização consiste na ausência do sagrado nas realidades profanas, isto é, a construção social e cultural de um espaço e de um tempo meramente secular ou profano sem referência a qualquer tipo de sagrado.

⁴⁶ Para Margrave Charles Taylor, a morte de Deus não é apenas uma negação de Deus gera a dialética entre sagrado e o profano secular, mas a sua existência permite que os atributos, outrora, divino sejam aplicadas a realidades mundanas, profanas, seculares : Deus foi deposto do seu trono, mas o seu trono não ficou vazio. Assim não se pode falar exclusivamente de secularização, mas de uma deslocação do sagrado para âmbitos até então considerados profanos : natureza, poder político. instituições, poder da ciência e da magia (idolatria).

E ao mesmo tempo de uma forma contraditória, observa-se um vivo renascimento da religiosidade, como se fosse um desabafo algo amordaçado, o qual se pode manifestar diversas formas fundamentais e de instrumentalização da religião em nome de Deus e até mesmo à violência numa mentalidade hedonista e consumista.

No segundo cenário social, marcado pelo grande fenómeno migratório, o qual se refere à deslocação de indivíduos ou grupos de um lugar a outro, com estadia relativamente duradoura e mudança de ambiente social, em busca de novas culturas e religiões e novos contextos de sobrevivência.

O problema central das migrações é a sua inserção nas comunidades de acolhimento, uma nova realidade cultural, social linguística e religiosa. Normalmente, dá-se uma segregação que leva a uma desintegração grave da sociedade. Este mesmo facto, dá-se novamente quando regressam à sua terra natal "O grande fenómeno migratória que força cada vez mais as pessoas a deixarem o seu país de origem" (L 6), além dos sofrimentos e constantes desrespeitos contra a dignidade humana resultante desse fenómeno, há um enorme impacto para a religião, destes e muitos outros problemas muito ativos nestes tempos que ocorrem.

"A este cenário social está ligado o fenómeno que se conhece pelo termo de globalização" (L 6) .

"Uma realidade que não é fácil de esclarecer, e que requer, por parte de todos os cristãos, um forte trabalho de discernimento. Pode ser vista como um fenómeno negativo, se desta realidade prevalecer uma interpretação determinista, vinculada apenas à esfera económica e produtiva; pode, porém, ser vista como um momento de crescimento, em que a humanidade aprende a desenvolver novas formas de solidariedade e novas formas de partilhar o desenvolvimento de todos ao bem" ⁴⁷.

⁴⁷ Cf. Papa BENTO XVI, carta encíclica *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 42: AAS 101 (2009), 677-678.

Este fenómeno inaugura, portanto, uma nova cultura, e nesta nova cultura vive-se uma submissão ao presente e ao instante.

Neste segundo cenário, estamos perante um fenómeno da globalização⁴⁸. É um dos "sinais" dos nossos tempos que não é fácil de aclarar e que exige uma evangelização ponderada, um melhor discernimento, para assim se tornar mais globalizado.

Num terceiro cenário, marcado pela comunicação social, hoje muito presente na vida das pessoas, têm um efeito mais visível sobre as culturas e a sua transmissão. Por mais que o mundo possa, por vezes, parecer separado da mensagem cristã, ele (mundo) também proporciona oportunidades singulares de evangelização.

Traz consigo autênticas vantagens, mas também riscos para a deturpação da fé, da moral e da religiosidade.

A atitude global do ser humano e, concretamente, do cristão para com os meios de comunicação social deve ser de caráter positivo, já que são fruto do engenho humano e, em última instância, são dons de Deus. " A difusão desta cultura traz consigo indubitáveis vantagens: maior acesso à informação, maior possibilidade de conhecimento, de partilha, de formas novas de solidariedade.

Manifesta-se uma profunda concentração egocêntrica sobre si e apenas sobre as suas necessidades individuais" (L 6).

⁴⁸ Estamos hoje, num mundo, que se tornou *uma aldeia global!* O que acontece, lá muito longe, entra-nos, em direto, pelas novas janelas, que nos ligam ao exterior. De repente, todos nos tornamos vizinhos uns dos outros! Mas, ao mesmo tempo, habituamo-nos tão facilmente a ver o que se passa lá fora, que já nada nos afeta, o sofrimento do outro deixou de nos dizer respeito, e assim se vai acentuando uma "*globalização da indiferença*" ou da "*exclusão*". Esmorece e desaparece aquela fraternidade, que se faz próxima do outro, que faz do outro um irmão, que faz do irmão, uma bênção. E, os nossos olhos, mais habituados a ver ao longe, têm dificuldade em perceber o que se passa aqui ao lado, aqui ao pé de minha casa, quando não dentro da própria casa, na própria família, "*fonte primeira da fraternidade, lugar por onde começar a contagiar o mundo com o amor*".
<http://www.abcdacatequese.com/index.php/evangelizacao/homilia-da-semana/2372-homilia-na-solenidade-de-santa-maria-mae-de-deus-2014>.

Mas, junto com os valores que a Doutrina Social da Igreja não deixa de elogiar, há muitos contravalores que aparecem na comunicação social.

Muitas vezes, essas formas de comunicação, não levam a um verdadeiro intercâmbio entre as pessoas "mas a uma profunda concentração egocêntrica, sobre si e as necessidades de cada um" (L 6).

Alguns perigos de deturpação, segundo a *communio et Progresso*:

Uma vinculação indevida a grupos económicos que controlam a comunicação social (CP 80).

Uma formação do Homem adaptada ao sistema estabelecido: os meios de comunicação social impõem o perigo de configurar um tipo de homem exigido pelos interesses políticos e sociais.⁴⁹

Uma deformação dos valores e frivolidade da existência (CP 53).

Mas também não há dúvidas que a comunicação social é imprescindível para a evangelização desses novos *areópagos* no mundo da comunicação, encontrando instrumentos auditivos acima de tudo nos lugares ultramodernos.

Este é um desafio para a igreja⁵⁰, e não só para utilizar os meios de comunicação para difundir o Evangelho, mas também para inserir a mensagem evangélica na "nova cultura" criada pela moderna comunicação, com as suas «novas linguagens», novas técnicas e novas atitudes psicológicas (RM 37).

Temos um cenário económico, em que o mundo atual é marcado pela mundialização da economia, pela competitividade, pelos progressos de reestruturação económica, marcada pela flexibilidade de desregulamentação do mercado. O desemprego e a precaridade encontram-se no centro de todas as preocupações atuais.

⁴⁹ Sínodo dos bispos 1971, Documentos, Salamanca, 1972.

⁵⁰ A Igreja, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação de todos os homens, e por Ele mesmo obrigada à evangelização de toda a criatura, considera parte da sua missão servir-se dos instrumentos de comunicação social para pregar aos homens a mensagem de salvação e ensinar-lhes o uso reto destes meios (IM, 3).

Ao crescimento da riqueza tem correspondido um aumento de pobreza e um agravamento de desigualdades sociais. " Enquanto multidões imensas carecem ainda do estritamente necessário, alguns, mesmo nas regiões menos desenvolvidas vivem na opulência e na dissipação. Coexistem o luxo e a miséria" [GS 63]. Uma mentalidade capitalista neo-liberal marcada pelo lucro e pelo consumo, com uma moral muito relativizada e insensível às injustiças e divisões nas relações Norte-Sul, que manipula as guerras no terceiro mundo e asfixia estes povos, em virtude da enorme dívida externa desses países.

Inumeráveis vezes, o Magistério dos Sumos Pontífices denunciaram desequilíbrios na distribuição dos bens por uma atividade económica desmesurada.⁵¹

Apesar da comunicação social dar pouca atenção a estes desastres económicos e ao desfavorecimento dos mais desprotegidos, estes problemas cruciais da humanidade devem ter uma resposta da Igreja em consequência com exigências do Reino de Deus e da justiça, não querendo assim passar despercebida na evangelização.

Lembremos neste contexto, que a imagem utópica do Cristianismo é o banquete dos pobres [Mt 22,1-14].

No quinto cenário trata-se da investigação científica e tecnológica, muito desenvolvidas nos nossos dias, trazendo benefícios, mas também acarretando riscos de trazer novos ídolos, que assim subvertem a verdade e o valor das coisas e dos comportamentos humanos.

Este "desacerto" da ciência como nova religião num contexto globalizado tende a aplicar um processo, em busca da verdade e do sentido, colocando de lado a filosofia e a religião, tão relevantes na nova evangelização. Torna-se uma "embriaguez" entre ciência e religião, tentando impor um método de verdade à força e colocando de lado a filosofia e a religião.

⁵¹ Pio XII, Mensagem, 23 de março 1952: AAS 44(1952), 273; João XXIII, alocução à A.C. Italiana, 1 maio 1959: AAS 51 (1959), 358.

Neste último cenário, em que trata-se da política e das mudanças provocadas pela queda do totalitarismo da ideologia comunista e da divisão em dois blocos, o qual favorece, num aspecto mais positivo, a liberdade religiosa: "Isto favoreceu a liberdade religiosa e a possibilidade de reorganização das igrejas históricas" (L 6). Os povos tornam-se independentes e começam a aparecer novas aspirações antes reprimidas para uma construção mundial de uma política mundial e nacional.

No entanto, o mundo está marcado por um desinteresse político, um desânimo geral em relação ao futuro que nos espera e além disso o mundo está marcado pelo medo do terrorismo e da violência e de uma explosão de conflitos, de perigos e tentações de domínio de lutas e guerrilhas ao poder.

Estes novos desafios, que nos colocam em diálogo, requerem um olhar crítico para o nosso modo de vida, o nosso pensamento, os nossos valores e os nossos meios de comunicação; que nos pode levar a uma melhor compreensão nos cristão de hoje . Uma chamada que irá resultar em estratégias práticas para a Evangelização, a bravura de falar de Deus e dar um testemunho comum dos cristãos, sustentado no poder do Evangelho. Não pode ficar na "cúpula" fechada, mas sim sermos *areópagos*, guerreiros defensores desta Nova Evangelização, destes novos tempos anunciando com novo ardor, o Deus esquecido em que muitos não ouviram falar d'Ele, e que o colocaram de lado na "*prateleira*".

Segundo capítulo deste documento sobre a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo é das partes mais marcantes e importantes deste documento, porque se concentra no objetivo de passar a fé, que é a realização de um encontro pessoal com Jesus Cristo no Espírito, levando a uma vivência de seu Pai e nosso Pai (L 11)⁵². Transmitir a fé em Cristo significa, criar condições para uma fé que é pensada, celebrada, vivida e rezada; em resumo, uma participação ativa na Igreja.

⁵² Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ: *Nota doutrinal sobre alguns aspetos da evangelização* (3 de Dezembro de 2007), 2: AAS 100 (2008).

É somente por estar em Jesus Cristo e viver a experiência do Pai no Espírito que podemos falar da nossa vida.

Esta é uma aptidão e uma tarefa para todos os que vêm até Jesus e acreditam n'Ele. O que acontece através da Sagrada Escritura e na Tradição, através de testemunhas e mestres que podem levar as pessoas para as Escrituras e dar conhecimento do Senhor no seu próprio ensino e exemplo, tornando-se eles mesmos "arautos autênticos e credíveis"⁵³ (L 13).

O aspeto da iniciação cristã é tratado com mais detalhe no terceiro capítulo.

Coloca-nos uma reflexão sobre os utensílios da Igreja para introduzir a fé, sobretudo acerca dos Sacramentos que nos unem à iniciação cristã : Batismo, Confirmação e Eucaristia. Tocando, assim, em várias questões relacionadas com a administração dos sacramentos (L 18).

Grandes desafios atuais à capacidade da Igreja devido a uma escassez de sacerdotes e às transformações

A comunidade precisa de estar unida e o que faz isso acontecer é o verdadeiro diálogo (L 22). A realidade de hoje exige, mais do que no passado, um discernimento firme no que diz respeito à vocação dos candidatos.

⁵³ Bento XVI, *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini*, 104: *Anexo de L'Osservatore Romano* (12 de Novembro de 2010), 98-99.

CAPITULO II - DURANTE O SÍNODO

Depois de ter analisado, no primeiro capítulo, os antecedentes do Sínodo é o momento de analisar o período decorrente do mesmo. Neste capítulo irei abordar o documento *Instrumentum laboris* como documento de base durante a realização dos trabalhos sinodais. Farei uma referência à participação dos Padres sinodais portugueses, sublinhando os principais temas das suas intervenções na Aula Sinodal. Por fim, ressaltarei a mensagem de Bento XVI proferida na Missa de encerramento dos trabalhos sinodais.

1. Instrumentum laboris

É o segundo grande eixo deste Sínodo, *Intrumentum laboris*; ele resume as respostas aos Lineamenta.

É marcado pelo maior desafio para a Igreja católica, a secularização, ou seja o modelo ou a vida de milhões que vivem como se Deus não existisse.

Perante estes desafios, pertinentes e preocupantes, algumas respostas: Como será a Igreja daqui a 20 anos? Será com rostos jovens, ou será apenas idosos? O Cristianismo é um elemento crucial de renovação?

As respostas que serão dadas a todas estas inquietações, depende de um fator crítico : "Nova Evangelização".

Este é o *Instrumentum Laboris*, o documento de trabalho que define os assuntos a ser abordados pelos Bispos do mundo .

Dom Nikola Eterovie, Secretário geral do Sínodo dos Bispos, destaca dois setores prioritários: O sector da missão *Ad Gentes* e o sector da Nova Evangelização voltados para aqueles que se afastaram da igreja; esta evangelização deve ser entendida no sentido de uma profunda renovação interna da própria Igreja.

Neste grande documento de trabalho, a síntese principal é a Nova Evangelização apresentada como um desafio para as comunidades cristãs, para que se tornem espaço de irradiação e de encontro com Jesus. A mudança começa por dentro: a conversão pastoral, renovação na raiz da fé.

1. 1. Ponto de partida

A principal tarefa da Igreja é «continuar a obra evangelizadora de Jesus Cristo, fazendo isso agora, de acordo com as condições do mundo hoje»⁵⁴.

A evangelização é precisamente uma dádiva do Evangelho que transfigura o Homem, o seu mundo a sua história. A finalidade da evangelização é levar o ser humano ao Pai, por Cristo, no Espírito. É esta a novidade do Evangelho: a transformação de todo o ser humano (IL 31).

Dois gestos acompanham na atividade evangelizadora: cura e perdão (IL 29). Então Jesus assume a missão de chamar a humanidade para a sua íntima relação com o Pai e o Espírito, que nasce da fé de Deus (IL 23).

Jesus queria os seus discípulos a anunciarem o Evangelho a todos, ensinando-os a observar tudo o que Ele mandou [Mc 16,15, Mt 28,20], e Paulo sentiu-se «Apóstolo escolhido para o Evangelho de Deus» [Rm 1,1]. Desde então, a Igreja sabe que a sua tarefa principal é a "*traditio Evangelii*" Evangelho de entrega (IL 26).

Tal como para Jesus, também para a Igreja esta missão evangelizadora é verdadeiramente obra de Deus e do Espírito Santo, que começou, incentivou e completou a missão de Jesus e da comunidade cristã no dia de Pentecostes. O Senhor ressuscitado faz dos seus Apóstolos, testemunhas e profetas pelo Espírito Santo [At 1,8; 2,17].

⁵⁴ *Lumen Gentium*, 17, 35.

O Espírito dá-lhes ousadia serena e liberdade com "parresia" [Act 2,29], o que os levou a comunicar aos outros a sua experiência de Jesus e de esperança, de Jerusalém para toda a Judeia e Samaria, e até mesmo até os confins da terra (IL 26):

"O Espírito Santo levou-os a abrir as portas do Cenáculo, transformando-os em evangelizadores (Act 2,1- 4); é o mesmo Espírito que conduz a Igreja hoje e incentiva um renovado anúncio de esperança dirigida homens do nosso tempo " (IL 41).

1. 2. O deserto interior

O mandato missionário, ou seja, a proclamação do Evangelho que a Igreja recebe do Senhor [Mc 16,15] resultou de várias maneiras, de acordo com as circunstâncias históricas em que se localizavam. As profundas mudanças do nosso tempo, de que o Concílio Vaticano II é um reflexo, tornaram-se perceptíveis para os nossos contemporâneos atingiram as profundezas do tecido social e cultural, a própria vida cristã, e «estão a mudar a percepção que o homem tem de si mesmo e do mundo, gerando um impacto também sobre a sua maneira de crer em Deus» (IL 6).

Enquanto os aspetos positivos dessas mudanças são claramente visíveis no desenvolvimento da cultura e do crescimento do Homem em muitos campos do saber noutros manifesta-se, pela negativa, numa preocupante perda do sentido do sagrado (IL 43) e expressa uma mentalidade, que colocou o seu olhar crítico sobre os fundamentos até à atualidade.

O resultado é uma perda notável de unidade da cultura e a sua capacidade de aderir à fé e de viver com os valores que ela inspira (IL 47).

1. 3. Do lado interior da Igreja

Tais transformações não são apenas o mudar completamente nos contextos do movimento da Igreja, mas profundamente perturbar os laços de crentes sobre esses espaços, e chamar para um renascimento da fé cristã, o entusiasmo e a coragem apostólica, típico dos primeiros discípulos. Finalmente, a *nova* expressão de *evangelização* « evoca a necessidade de uma forma renovada de propaganda » (IL 44).

Como vai isso despertar? "É necessário que as comunidades cristãs, marcadas pelos influxos que as atuais mudanças sociais e culturais estão a exercer nelas, encontrem a energia e as formas de voltar a agarrar-se firmemente à presença de Jesus ressuscitado que anima a partir de dentro [...], e novamente ofereçam aos homens a experiência como um dom valioso que possuem" (IL 46).

Domina a visão de que a nova evangelização é a capacidade da Igreja em viver de modo renovado a sua própria experiência de comunidade renovada na fé e no anúncio, dentro das novas situações culturais, que foram criados nas últimas décadas (IL 47): fraqueza da vida de fé das comunidades cristãs, diminuição do reconhecimento da autoridade do Magistério, privatização de pertença à Igreja que reduziu a prática religiosa, e a falta de compromisso na transmissão da fé às novas gerações.

É, portanto, necessário uma avaliação que possa levar mudanças rumo à conversão. "Tem-se a impressão que muitas comunidades cristãs ainda não terão percebido a extensão do desafio e a entidade da crise causada por este clima cultural também dentro da Igreja e os desafios que se colocam à fé cristã" (IL 49).

1. 4. O tecido da Nova Evangelização

A Igreja está a realizar um esforço para discernir e compreender as várias fases que compõem a complexa realidade (IL 51).

O cenário cultural mostra a crescente marca do secularismo, de modo peculiar no mundo ocidental, já não mostrado com um ateu espírito rebelde, em geral, mas "que tomou um tom fraco, "ajustando" a imagem positiva da libertação, a capacidade de imaginar a vida do mundo e da humanidade sem referência à transcendência" e desenvolvendo « uma mentalidade na qual Deus está ausente (IL 52), um estilo de vida hedonista, consumista e superficial que evita assumir as responsabilidades da vida envolvida, algumas formas de espiritualidade individualista, e «um clima geral de relativismo » (IL 53).

O cenário económico revela o crescimento da desigualdade económica entre ricos e pobres, desequilíbrios entre Norte e Sul que manipula as guerras no terceiro mundo e asfixia os povos em virtude da enorme dívida externa desses países, e do problema dos recursos naturais e humanos (IL 56).

O contexto político também está a mudar, com o surgimento de novos atores em cena particularmente: o mundo islâmico e a Ásia (IL 57).

A ascensão da ciência e da tecnologia continua a surpreender com as suas conclusões e presságios, mas aquelas podem tornar-se um ídolo para as pessoas. O desenvolvimento da cena comunicativa com as novas tecnologias é tal que temos um espaço social novo e verdadeiro, que influencia as pessoas, a representação que temos do mundo e dos outros, e exerce mudanças na própria realidade.

As novas tecnologias, meios de comunicação e cultura digital são cada vez mais importantes e de grande interesse para a Evangelização e exigem um discernimento saudável e sem preconceitos. Não tenhamos dúvida que elas trazem incontestáveis benefícios, como uma porção maior de riqueza de informações e de conhecimento mas também mostra que se

espalha uma cultura que expressa "profunda atenção egocêntrica reduzida às necessidades individuais", "uma exaltação emotiva das relações e dos laços sociais". Assiste-se ao enfraquecimento e perda de valores e de experiências profundamente fundamentais, como reflexão e silêncio (IL 62).

O quadro religioso também apresenta contrastes. Embora o renascimento espiritual de uma busca por algo mais do que mera horizontalidade, seja evidente em muitas áreas, muitas vezes "contém traços de pouca de experiência libertadora" (IL 65). Os aspetos positivos da redescoberta de Deus e dos sagrado aparecem ofuscados por fenómenos de grupos religiosos que manipulam a religião.

1. 5. Irradiar a experiência cristã

Muitas igrejas locais já estão num processo de " renovação missionária " ou experiências de "conversão pastoral".

"A Nova Evangelização não é apresentado como um novo modelo de ação pastoral , mas sim como "um processo de relançar a missão fundamental da Igreja". Ela interroga-se sobre o estilo contemporâneo de vida evangélica .

A Nova Evangelização da Igreja Missionária lembra o seu propósito original, mais comprometido com a proclamação da fé para resolver tudo, mais impulsionado dentro das comunidades cristãs, e mais empenhada no anúncio da fé a todos. Muito se espera das paróquias, consideradas a porta de entrada no capilar de experiência cristã e eclesial. Além de serem lugar autêntico das celebrações litúrgicas e pastorais comuns, (os sacramentos, a catequese e do catecumenato), comprometem-se a ser verdadeiros centros de irradiação e de testemunho da experiência cristã, sentinelas capazes de escutar as pessoas e as suas necessidades (IL 81) .

1. 6. A Igreja do Ocidente cristão

O Papa Bento XVI fala da importância de um impulso missionário renovado e de uma nova e generosa abertura ao dom da graça»⁵⁵ (IL 45).

Em 2007, a Congregação para a doutrina da Fé, expressa-se no mesmo sentido: a evangelização geral refere-se à pastoral ordinária, a Nova Evangelização é dirigida àqueles que abandonaram a praxis cristã que vivem uma nova situação existencial e cultural, na qual a sua fé e o seu testemunho são diluídas⁵⁶.

Estes elementos mostram que o Ocidente e a Igreja são chamados a pensar situações, lugares de vida e de ação pastoral para fazer que as pessoas da imagem do "deserto interior" usado pelo Papa Bento XVI para representar a condição humana, prisioneiro de um mundo que praticamente exclui a questão do próprio horizonte de Deus.

Ter a coragem de introduzir a questão de Deus neste mundo: esta é tarefa específica da Nova Evangelização (IL 86).

A Nova Evangelização é o nome dado ao impulso espiritual, o lançamento de um movimento de conversão solícita que a própria Igreja pede a si mesma, a todas as comunidades, e batizados (IL 88).

A transmissão da fé não é uma ação reservada para uma única pessoa encarregada desta tarefa. É dever de cada cristão e de toda a Igreja, que nesta ação redescobre continuamente a identidade das pessoas reunidas pelo chamamento do Espírito para viver a presença de Cristo entre nós, e descobrir o verdadeiro rosto de Deus, que é Pai para nós (IL 92).

⁵⁵ Bento XVI, Carta Apostólica em forma de *motu proprio Ubicumque et semper* (21 Setembro 2010): AAS 102 Congregação para a Doutrina da Fé, *Nota doutrinal sobre alguns aspetos da evangelização* (3 Dezembro 2007), 12: AAS 100 (2008) 501. (2010) 790-791.

⁵⁶ Cfr. Congregação para a Doutrina da Fé, *Nota doutrinal sobre alguns aspetos da evangelização* (3 Dezembro 2007), 12: AAS 100 (2008) 501.

Proclamar frutuosa e a Palavra do Evangelho e uma profunda comunhão entre os filhos e filhas de Deus na Igreja é uma necessidade⁵⁷.

Essa é a marca que faz a proclamação credível e eficaz: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Que, como eu vos amei, também vos ameis uns aos outros. Todos os homens saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" [Jo 13,34-35] (IL 91). A Nova Evangelização é "a capacidade da Igreja de viver em tão renovada experiência comunitária de fé e anúncio dentro das novas situações culturais que foram criados nas últimas décadas". Isso afeta todas as igrejas dos 5 continentes (IL 47).

O lugar por excelência para a experiência da comunidade de fé é a vida litúrgica e a oração.

Há uma relação intrínseca entre a fé⁵⁸ e a liturgia⁵⁹: "lex orandi lex credendi" (IL 97).

Lectio Divina (pessoal e partilhada) ocorre naturalmente como um espaço de evangelização (IL 97). O Catecismo Romano introduz na reflexão sobre o mistério da fé, por meio de seus quatro títulos: o Credo, os Sacramentos, os Mandamentos e Oração do Senhor (IL 100).

2. A caridade, a linguagem da Nova Evangelização⁶⁰

A caridade é a linguagem que, na nova evangelização, mais que com palavras, se expressa nas obras de fraternidade, de proximidade de ajuda às pessoas nas suas necessidades espirituais e materiais (IL 124).

⁵⁷ A *Evangelii Nuntiandi*, no número 24, inventou a muito feliz sentença « todo o evangelizado evangeliza », e a "Igreja, evangelizada e evangelizadora" (IL 25-27).

⁵⁸ "A fé é um dom de Deus, recordou o Papa, mas é importante que os cristãos demonstrem vivê-la concretamente, através do amor, da concórdia, da alegria e do sofrimento. O coração da evangelização é o testemunho da fé e da caridade".
http://pt.radiovaticana.va/news/2013/10/14/a_nova_evangeliza%C3%A7%C3%A3o_se_faz_mais_com_gestos_do_que_com_palavras,/bra-737069.

⁵⁹ Bento XVI devolveu à Liturgia a centralidade que lhe é devida, pois como bem disse, é na relação com a Liturgia que se decide o futuro da Fé e da Igreja. (http://dominusvobis.blogspot.pt/2013/04/sua-santidade-bento-xvi-o-papa-da_20.html).

"A liturgia da Igreja tem sido para mim desde a minha infância, a atividade central da minha vida".

Teologia da Liturgia: "Opera Omnia" de JOSEPH RATZINGER, Vol. 11.

⁶⁰ Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012,86.

Na sua primeira encíclica, *Deus caritas est*, o Papa Bento XVI, ilustrou claramente o significado original do amor cristão, a sua fonte, o seu desenvolvimento, a sua peculiaridade e os riscos que importa conhecer.

Em muitos países ocidentais a estima e a fraternidade entre as várias comunidades pode facilitar a colaboração para que o único Evangelho de Cristo seja conhecido por todos⁶¹.

A fé cristã contribui para a compreensão do conteúdo profundo das experiências fundamentais do ser humano (IL, 154).

A nova evangelização exige a capacidade de saber dar razão da própria fé, mostrando Jesus Cristo Filho de Deus, único salvador da humanidade⁶².

Três exigências que estão envolvidas na espiritualidade da Nova Evangelização:

- a capacidade *de discernir*, ou seja, a capacidade de se ser colocado dentro do presente convencidos de que também neste tempo é possível anunciar o Evangelho e viver a fé cristã;
- a capacidade de viver *formas de vida de um compromisso radical e uma genuína adesão à fé cristã*, que sejam capazes de testemunhar, com a sua simples existência, o poder transformador de Deus na nossa história;
- uma *relação clara e explícita com a Igreja*, para tornar visível o caráter missionário e apostólico (IL 78).

Um dos sinais da eficácia da Nova Evangelização, é a redescoberta da vida como vocação e vocações, na emergência do seguimento radical de Cristo. (IL 161).

Em última análise, o texto conclui: "a nova evangelização não significa nenhum novo Evangelho, pois Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, mas significa dar uma resposta positiva aos sinais dos tempos e às inquietações dos homens e dos povos, aos novos

⁶¹ Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012, 86.

⁶² *Ibidem*, 73.

cenários, mostrando a cultura através da qual, expressamos nossa identidade e a busca do sentido dessa mesma identidade (IL 164).

Como disse João Paulo II : a Nova Evangelização significa, refazer o tecido cristão da sociedade humana, refazendo o tecido das próprias comunidades cristãs, implica também ajudar a Igreja a continuar a estar presente «entre as casas dos seus filhos e suas filhas »⁶³, para incentivar a vida e dirigi-la para o Reino que vem (IL 83).

3. Intervenção dos padres sinodais portugueses

D. Manuel Clemente⁶⁴ debruça-se, sobre o 2º capítulo do número 83 do *Instrumentum Laboris*: as transformações da paróquia e nova evangelização.

Afirma que o tema, em questão, desafia a uma redescoberta e valorização da comunidade crente, como lugar primordial para a Nova Evangelização. Como João Paulo II afirmava, a nova evangelização significa refazer o tecido cristão da sociedade humana.

Segundo D. Manuel Clemente, «a dispersão e itinerância tornam difícil a convivência habitual, familiar e comunitária. A individualização da vida, potenciada pela tecnologia, leva ao subjetivismo e ao virtualismo que rarefazem a realidade social e eclesial»⁶⁵.

Há necessidade de uma convivência comunitária da fé, estabilidade entre família e paróquias, para um conhecimento de Cristo nas suas vidas.

Aludindo à realidade portuguesa, diz ser caracterizada por "uma população muito movediça" e frequentemente opaca na mentalidade, não abrindo facilmente ao horizonte

⁶³ 19-[19] JOÃO PAULO II, pós-sinodal *Christifideles laici* Exortação Apostólica (30 de dezembro 1988), 26: AAS 81 (1989) 438. Cf. também n. 34: AAS 81 (1989) 455.

⁶⁴ Bispo do Porto, vice - presidente da Conferência Episcopal Portuguesa e membro da Comissão de informação da assembleia dedicada ao tema da nova evangelização.

⁶⁵ Citado pelo boletim oficial do Sínodo dos Bispos. Roma, 13 de Outubro de 2012.

Manuel CLEMENTE, Refazer a experiência comunitária, base essencial da Nova Evangelização, in *Lumen*, serie III - 5,2012, 23-24.

espiritual e religioso. Alerta para a generalização do secularismo pessoal e ambiental. Salienta que existe nas comunidade de fé, na sociedade atual, uma dificuldade na transmissão da fé. Refere que uma comunidade fortalecida, é o melhor meio para Evangelizar nos dias de hoje .

D. António Couto⁶⁶, afirma a necessidade de uma Igreja que viva sempre em Sínodo, ou seja, faça uma caminhada em conjunto e diz que a Igreja «deverá ter a dinâmica das primeira comunidades cristãs», como um "átrio permanente da fraternidade aberta ao mundo"⁶⁷; uma Igreja que se caracteriza por quatro colunas: ensino dos Apóstolos (*Kerygma*); a comunhão fraterna (*Diaconia*) e fração do pão e oração (*Liturgia*).

Faz-se sentir a necessidade de uma Igreja que anuncie, completamente vinculada ao seu Senhor, não aliciada pelas novidades da moda, célere e serva, com um estilo de simplicidade humildade, despojada de tudo e próxima das pessoas.

Uma Igreja anunciadora o grito de Jesus anunciador. Urge anunciadores do Evangelho sem ouro, nem prata, nem cobre, nem duas bolsas, nem duas túnicas [Mt 19, 9-10; Mc 6, 6-8; Lc 9, 3-4].

Este anúncio será eficaz numa Igreja de fidelidade ao Senhor Jesus, no seu estilo e no seu modo de viver, fazer e dizer.

Conclui esta sua intervenção, com uma interpelação: porque é que os santos lutaram tanto, e com tanta alegria, para serem pobres e humildes, e nós esforçamo-nos tanto, e com tristeza [Mt.19,22;Mc10,22;Lc.18,23] por ser ricos e importantes?

⁶⁶ Bispo de Lamego, membro da Congregação para a Evangelização dos Povos desde 2004 e presidente da Comissão Episcopal da Missão e Nova Evangelização.

⁶⁷ Citado pelo boletim oficial do Sínodo dos Bispos. Roma, 13 de Outubro de 2012. António COUTO, "Fidelidade renovada" ,in *Lumen*, serie III-5,2012,19-22.

4. Missa de encerramento do Sínodo

O Papa Bento XVI presidiu, na Basílica de São Pedro, à Eucaristia de encerramento do Sínodo dos Bispos para a Nova Evangelização.

Na sua homília, construída a partir da narrativa da cura do cego Bartimeu [Mc.10,46-52], o Papa salientou a figura do cego como sendo a representação do Homem moderno que, por vezes, perdeu a esperança, a visão da fé e precisa de reencontrá-la na pessoa de Jesus. Aquele grito de confiança ao Senhor que precisa ser curado.

Afirma que a Nova Evangelização diz respeito a toda a Igreja e realça que ela refere-se, "em primeiro lugar, à pastoral ordinária que deve ser mais animada pelo fogo do Espírito a fim de incendiar os corações dos fieis".

Salienta "três linhas pastorais" surgidas no *Sínodo*, referentes aos Sacramentos da Iniciação cristã, à evangelização dos que não conhecem a Cristo, ou que se afastaram, e aos que foram batizados, mas que não vivem as exigências do batismo⁶⁸. Administram-se facilmente os sacramentos e corre-se o risco de passar a mensagem de "dar sacramentos", ao jeito de uma estação de serviço.

Nesta visão, o Sumo Pontífice, reafirma a necessidade de acompanhar, com uma catequese ajustada, a preparação para o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia⁶⁹; reiterou

⁶⁸ Quem é batizado, mas ainda não recebeu o sacramento da Confirmação, prepare-se para o receber, consciente de que assim há - de tornar-se um cristão "completo", porque a Confirmação aperfeiçoa a graça batismal [cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1302-1304]. Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIII Jornada da Juventude, *Lorenzago, 20 de Julho de 2007*,(N.6).

⁶⁹ Mas direis como podemos deixar-nos renovar pelo Espírito Santo e crescer na nossa vida espiritual? A resposta sabeis é: através dos sacramentos, porque a fé nasce e se fortalece em nós graças aos sacramentos, antes de tudo aos sacramentos da iniciação cristã: o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, que são complementares e inseparáveis. [cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1285]. Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIII Jornada da Juventude, *Lorenzago, 20 de Julho de 2007*.(Ibidem) .

também a importância da penitência, sacramento de misericórdia de Deus⁷⁰.

É através deste percurso sacramental que passa o apelo do Senhor à santidade; é dirigido a todos os cristãos.⁷¹ Na verdade, todos os santos nos comunicam o exemplo de vida e obras de caridade, com uma linguagem acessível a todos.

O Santo Padre destaca também que a Nova Evangelização está ligada à missão *ad gentes*. Uma tarefa primordial da Igreja; sem a missão *Ad Gentes*, a mesma dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental.

"A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai" (AG 2).

A missão *ad gentes* constitui uma dimensão privilegiada para a vida e o compromisso de todos os batizados. Todos têm o dever de evangelizar, de anunciar a mensagem de salvação aos homens que ainda não conhecem a Cristo e onde a Igreja não está implantada; apresenta um itinerário que vai desde o testemunho até à constituição da própria comunidade cristã.

É um processo paradigmático de evangelização tendo em conta os destinatários a que se dirige:

"Todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai e compreendam, mais

⁷⁰ "A nova evangelização parte também do Confessionário!", expressou o Santo Padre Bento XVI aos participantes do curso sobre Foro Interno, promovido pela Penitenciaria Apostólica realizado em Roma, no dia 9 de Março 2012, sobre o tema da formação da consciência moral.

O Sacerdote é chamado a expressar a totalidade e a novidade da Palavra e os sacramentos para as pessoas de hoje. Aos confessores presentes o Santo padre pediu, no fim do seu discurso, para serem "colaboradores e protagonistas tanto possíveis novos inícios, para levarem a novidade de Cristo ao *centro e à razão da existência sacerdotal, fazendo votos que todo Confessionário, do qual cada cristão sairá renovado, represente um passo à frente na nova evangelização*". (<http://www.gaudiumpress.org/>).

⁷¹ Os padres sinodais dedicam a Proposição 23 à santidade dos novos evangelizadores. "O chamamento universal à santidade é essencial na Nova Evangelização, que vê nos santos um modelo eficaz da variedade de maneiras para a realização desta vocação", escrevem os padres sinodais.

Na Proposição 22 evoca a "conversão" e a "renovação na santidade", necessária para os novos evangelizadores.

plenamente o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana (AG 11). Intimamente unidos com os homens na vida e no trabalho, os discípulos de Cristo esperam oferecer-lhes o verdadeiro testemunho de Cristo e trabalhar na salvação deles, mesmo quando não podem anunciar plenamente a Cristo" (AG 12).

Ao referir-se aos batizados que não manifestam uma vida cristã, Bento XVI lembrou que "a Igreja dedica-lhes uma atenção especial, para que encontrem de novo Jesus Cristo, e redescubram a alegria da fé e voltem à prática religiosa na comunidade dos fieis"⁷².

Refere que a Igreja procura lançar novos métodos, novas linguagens, apropriadas às mais variadas culturas do mundo, para promover um diálogo de simpatia e amizade que se alicerce em "*Deus amor*", numa evangelização que percorra caminhos renovados.

O Papa elogia as iniciativas de criatividade pastoral, que tentam aproximar as pessoas afastadas da Igreja, ou à procura do sentido de vida entre eles, o "Átrio dos gentios" e a "Missão continental".

Bento XVI encerrou a homilia, referindo-se ao cego Bartimeu que fez a experiência do encontro com Jesus Cristo e se tornou discípulo do Mestre.

Assim, terminou o Papa, "são os novos evangelizadores: pessoas que fizeram a experiência de ser curadas por Deus, através de Jesus Cristo. Eles têm como característica a alegria do coração, que diz com o Salmista: O Senhor fez por nós grandes coisas; por isso, exultamos de alegria [Sal 126/125, 3]".

⁷² <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=93024>.

CAPÍTULO III - PÓS-SÍNODAL

Neste terceiro capítulo abordarei a fase-pós-sinodal. Começarei por apresentar as proposições elaboradas pelos Padres sinodais, onde expressam as suas preocupações acerca deste tema.

De seguida, nesta fase ocorre um acontecimento crucial para a compreensão deste Sínodo, que foi a resignação de Bento XVI com a consequente eleição do Papa Francisco.

Por fim, realizarei uma análise à Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de um modo mais incisivo no referente aos agentes da Nova Evangelização e caminhos e meios para a concretização da mesma.

1. Proposições

Os Padres sinodais, no fim dos trabalhos sinodais, expuseram as suas preocupações e solitudes em 57 proposições⁷³, que facultaram ao papa, como conclusões retiradas desta ação sinodal.

As proposições encontram-se agrupadas em quatro capítulos : Natureza de uma evangelização (I capítulo), o contexto do Ministério da Igreja hoje (II capítulo), as respostas pastorais para as circunstâncias de hoje (III capítulo) e os agentes e atores da Nova Evangelização (IV capítulo). As proposições comportam uma panóplia de termos relacionados com a Nova Evangelização.

O primeiro tema refere-se à natureza da Nova Evangelização, a sua fundamentação bíblica, o testemunhar da Nova Evangelização, o direito de proclamar e ouvir a Nova Evangelização.

⁷³ <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=75764>.

Num segundo tema ressalta a inabituação do processo da Nova Evangelização nos diferentes contextos socioculturais do ser humano. A Nova Evangelização quer estar presente nas diferentes realidades da humanidade: direitos humanos, liberdade religiosa, comunicações sociais, formação humana, migrações, doutrina social e no tecido urbano.

Num terceiro tema sublinha as fontes onde devem haurir os agentes evangelizadores. Essas fontes são: dinamismo paroquial, a catequese (infantil -juvenil e adultos), a teologia, a vida sacramental, a vivência dominical, e a piedade popular. Um quarto tema enumera quais são os agentes da Nova Evangelização. Primeiramente, a Nova Evangelização devia comprometer a Igreja particular; de um modo geral todos somos chamados a evangelizar de acordo com os diferentes carismas e dons, que cada um possui. A célula base da Nova Evangelização é a Igreja doméstica, da qual todo o ministério sacerdotal ordenado, conjuntamente com os cristãos consagrados.

As proposições terminam, dando relevo ao método primordial da Nova Evangelização que dever ser o diálogo.

A conclusão com uma proposição: Maria a estrela da Nova Evangelização encerra o conjunto de 57 proposições.

2. Renúncia do Papa Bento XVI

Um acontecimento crucial no período pós-sinodal ocorreu em meados do Ano da Fé, quando Bento XVI tornou pública a sua resignação⁷⁴. No dia 10 de Fevereiro de 2013 Bento XVI em pleno Consistório, diante dos cardeais afirmou:

"Caríssimos Irmãos,
convoquei-vos para este Consistório, não só por causa das três

⁷⁴ A renúncia papal encontra-se enquadrada pelo cânone 332, parágrafo 2, do Código de Direito Canónico. O único requisito para que a renúncia seja válida é que seja feita "livremente e devidamente manifestada".

canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também e igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado.

Por isso, bem consciente da gravidade deste acto, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de Fevereiro de 2013, às 20 : 00 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice.

Caríssimos Irmãos, verdadeiramente de coração vos agradeço por todo o amor e a fadiga com que carregastes comigo o peso do meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos. Agora confiemos a Santa Igreja à solicitude do seu Pastor Supremo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos a Maria, sua Mãe Santíssima, que assista, com a sua bondade materna, os Padres Cardeais na eleição do novo Sumo Pontífice. Pelo que me diz respeito, nomeadamente no futuro, quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus"⁷⁵.

Bento XVI assinalou como motivo da sua resignação a carência progressiva de vigores físico e psíquico para uma harmoniosa execução do ministério petrino. «Para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que,

⁷⁵http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio_po.html.

nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado»⁷⁶.

Passado um mês iniciou-se o Conclave para a eleição do novo romano Pontífice. No dia 13 de Março, no segundo dia do Conclave, foi eleito o Cardeal argentino Jorge Bergoglio, com o nome Francisco. Este novo sucessor de S. Pedro herdou o testemunho dos trabalhos sinodais, sendo da sua responsabilidade a redação da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

3. A alegria de um coração cheio de Evangelho

Depois da encíclica *Lumen Fidei*, redigida em colaboração com Bento XVI, pouco antes da sua resignação, *Evangelii Gaudium* é o primeiro texto saído das mãos do Papa Francisco.

Assume as reflexões e propostas surgidas no último Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização e a transmissão da fé cristã, mencionando-os em vários itens (EG 14, 16, 73, 112, 245) ; em várias ocasiões o Papa Francisco faz referência às Proposições⁷⁷ do Sínodo de outubro de 2012, demonstrando quanto a contribuição sinodal tem sido um importante ponto de referência para a redação da Exortação.

Contudo, o texto vai para além da experiência do Sínodo (EG 16) não é só um resumo de materiais herdados, mas também um escrito autónomo e programático do seu papado. É uma exortação que vem da linha sinodal, mas não tem estatuto pós sinodal.

⁷⁶ *Ibidem*.

⁷⁷ Proposições referenciadas na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, 28 : 4, 6,7,8,9,11,13,14,16,17, 20,25,26(2x),27,30,36,38,41,42,44,45,51,52,53,55,56,58.

Neste documento extenso, mas de fácil leitura, além da evangelização e justiça social, que são as principais áreas de exposição, refere-se a várias inquietações: a família o amor misericordioso de Deus, a celebração dos sacramentos, a reforma das instituições eclesiais, o ecumenismo e a perseguição aos cristãos.

Estamos diante de um documento extraordinário, expresso no familiar como de um "pai para um filho", para ser abraçado com gratidão e aplicado cuidadosamente na nossa realidade eclesial pastoral; acreditamos que possa ter um profundo impacto sobre a nossa Igreja por várias gerações.

3. 1. Novo ardor missionário, para a Nova Evangelização.

O Papa João Paulo II ao ouvir a Nova Evangelização, ele adquiriu-a diretamente naquelas três palavras proferidas no Haiti, no discurso à XIX Assembleia do CELAM : "Nova no ardor, nos seus novos métodos, na sua expressão"⁷⁸. Os métodos não podem ser os mesmos de ontem (EG 17); dirige-se sempre aos agentes. E ao falar nos agentes, nós cristãos, somos sempre os primeiros agentes. Nesta Exortação esperava-se uma abordagem aos métodos para a Nova Evangelização. Mas o texto privilegia a temática dos evangelizadores, ou seja, daqueles que vão no fundo dinamizar o anúncio do Evangelho.

Nós estamos habituados a ouvir falar de boa nova do Evangelho e quando utilizamos estas palavras, habitualmente, as pessoas vão mais para os textos escritos do Evangelho da Eucaristia. E quando se fala da boa - nova pensa-se no que Jesus diz para cada um de nós.

Nós sabemos que a Boa-Nova, não é uma palavra mas uma pessoa (também tem palavra, mas é uma pessoa) quando falamos no Evangelho, falamos em Cristo ressuscitado. O que isto significa?

⁷⁸ Cassiano FLORISTÁN, *Para compreender a Evangelização*, Tradução A. Maia da Rocha, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1997,57.

Que toda a nossa vida cristã tem de ser baseada fundamentalmente numa identificação com Cristo ressuscitado. A grande dificuldade está em mostrar Cristo ressuscitado ao mundo de hoje.

O tema Nova Evangelização, seguindo o fio condutor da *Evangelii Nuntiandi* (1975) que versava sobre a Nova Evangelização no mundo contemporâneo e inspirado na Exortação *Gaudete in Domino*⁷⁹, numa dimensão de alegria, porque da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído (EG 3). O Papa com esta Exortação *Evangelii Gaudium*, propõe recuperar a frescura original do Evangelho, para procurar maneiras mais criativas, para não bloquear Cristo com "esquemas melancólicos, enfadonhos", acolher o momento de graça, que a Igreja viva e redescubra uma metodologia comum, para crescer a responsabilidade dos leigos e dar mais espaço aos jovens e mulheres e assumirem uma conversão pastoral e reformas estruturais.

O texto contém 288 parágrafos, dividido em cinco capítulos, alteando com uma oração a Maria, 'Mãe da Evangelização'.

"O entusiasmo na evangelização funda-se nesta convicção: temos à disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir", escreve o Papa.⁸⁰

"A alegria do Evangelho preenche o coração e toda a vida daqueles que encontram Jesus" (EG 1).

É com estas palavras que começa a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, na qual o Papa Francisco desenvolve o tema do anúncio do Evangelho no mundo atual, buscando-se entre outros, no contributo oferecido pelos trabalhos do Sínodo .

⁷⁹ Esta Exortação Apostólica foi redigida por Paulo VI em 19 de Maio de 1975, cujo tema, precisamente é a alegria cristã, a alegria no Espírito Santo. Será como uma espécie de hino à alegria divina.

⁸⁰ <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&id=97903> a 28/11/2013, 18:05.

Na alegria de Cristo ressuscitado dirige-se aos cristãos e quer indicar caminhos para os próximos anos (EG 1). Refere como a alegria está presente na Sagrada Escritura, (EG 6) e como o nosso povo atualmente, vive mais uma espiritualidade de "sexta -feira santa" do que a vigília pascal.

Qual é o esforço que fazemos à volta da paixão do Senhor? Não é o mesmo, que fazemos e que fazem as comunidades à volta da Páscoa. Um desafio e uma exigência para todos os evangelizadores, uma doação ,uma entrega pelos outros, e não com cara de funeral (EG 9, EN 75)

3. 2. *Sete pilares fundamentais*

Os sete pontos recolhidos nos cinco capítulos da Exortação, constituem os pilares fundamentais da visão do Papa Francisco sobre a nova evangelização: a reforma da Igreja, na saída missionária, as tentações dos agentes de pastoral, a Igreja entendida como totalidade do povo de Deus que evangeliza, a homilia e a sua preparação, a inclusão social dos pobres, a paz e o diálogo social, as motivações espirituais no compromisso missionário (EG 17).

O elemento que mantém unidas estas temáticas centralizam-se no amor misericordioso de Deus, que vai ao encontro de cada pessoa para manifestar o coração da sua revelação: a vida de cada pessoa adquire sentido no encontro com Jesus Cristo na alegria de partilhar esta experiência de amor com os demais.

Esta é a chave de leitura, nos seus gestos e palavras e presente no seu lema episcopal : "Olhou-o com misericórdia e o escolheu"(*miserando atque eligendo*)⁸¹.

⁸¹ O lema do Papa Francisco faz alusão à homilia de São Beda, o qual, comentando o episódio evangélico da vocação de São Mateus, escreve:« Viu Jesus um publicano e assim como o olhou com um sentimento de amor, escolheu-o e disse-lhe : "Segue-me"» [Mt.19,21]. E acrescenta : « O gerúndio latino *miserando* parece-me intraduzível, seja em italiano, seja em espanhol ou português. Gosto de o traduzir com um outro gerúndio que não existe : *misericiando*».

António SPADARO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora*, Paulus, Lisboa, 2013,10.

3. 3. Neologismos do Papa

Assim, o primeiro capítulo desenvolve-se à luz da reforma da Igreja no sentido missionário, chamada a sair de si mesma, da sua cúpula, para encontrar a outros (EG 19). É a dinâmica do êxodo do caminhar e «do semear sempre de novo, sempre mais» (EG 21), que o Papa expressa nestas páginas. A Igreja que deve fazer sua a intimidade de Jesus que é uma intimidade e itinerante (EG 23). O Papa, como já é habitual, aprofunda algumas expressões impactantes e cria neologismos⁸² para fazer entender a natureza mesma da ação evangelizadora. Entre eles, por exemplo, «primeirar»; isto é, que Deus precede-nos no amor, indicando à Igreja o caminho que deve seguir, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar. Ela não se encontra numa via sem saída, mas vai ao encontro das ovelhas de Cristo [1Pe 2,21]; O pastor que anda à frente é o espelho do seu rebanho. Ser pastor à maneira de Jesus Cristo, portanto, está certa do caminho que tem a traçar (EG 24).

3. 4. Conversão do Papado

O Papa Francisco demonstra a urgência de realizar algumas perspectivas do Vaticano II. Em particular, a tarefa do exercício do Primado do sucessor de Pedro e as conferências episcopais. Já João Paulo II em *Ut unum sint*, havia solicitado ajuda para melhor compreender as funções do Papa no diálogo ecumênico.⁸³

Agora, o Papa Francisco continua a vislumbrar uma forma de ajuda mais específica que poderia acontecer se fosse desenvolvido o estatuto das conferências episcopais (EG 32).

Outra passagem de particular intensidade, pelas consequências que terá sobre a pastoral, são os números 40-45: "o coração do Evangelho encarna nos limites da linguagem

⁸²Fenómeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neologismo>.

⁸³ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Ut unum sint* (25 de maio de 1995), 95: AAS 87 (1995), 977-978.

humana, o que significa a procura do verdadeiro discernimento entre a pobreza e os limites da linguagem, com riqueza - às vezes ainda desconhecidas - do conteúdo da fé".

O perigo de que, às vezes, numa rápida mudança cultural, deve ter-se em atenção a forma como se transmite o conteúdo do Evangelho. Pode acontecer que, sobre algumas posições de transmissão, exista um fecho injustificado, com o conseqüente risco de endurecer e deturpar a verdade e a misericórdia do Evangelho.

De uma forma carinhosa e humilde, a que já nos habituou o Papa, faz uma comparação, da Igreja a uma Mãe que olha com carinho, escuta e acolhe os seus filhos (EG 46).

Uma Igreja simples virada para os que vivem sem força; uma Igreja maternal. Com um apelo forte, grita: Vamos, vamos dar a todos a vida de Jesus Cristo. «Repito aqui para toda a Igreja que eu tenho dito muitas vezes aos sacerdotes e leigos de Buenos Aires: eu prefiro uma Igreja ferida manchada robusta e sair antes de uma igreja doente para o fechamento e conforto para segurar próprios títulos » (EG 49).

3. 5. Sem complexos de inferioridade

O segundo capítulo é dedicado a acolher os desafios do mundo contemporâneo e superar as tentações fáceis que enfraquecem a Nova Evangelização.

Em primeiro lugar, diz o Papa, é necessário recuperar a própria identidade, sem os complexos de inferioridade que levam a esconder a identidade e as convicções... [e] que acabam por abafar a alegria da missão em um tipo de obsessão por ser como os outros e ter o que eles têm. (EG 79) "Isto faz com que os cristãos caiam num relativismo ainda mais perigoso que o relativismo doutrinal como se Deus não existisse" (EG 80), acabando por adulterar o estilo de vida dos crentes. Acontece, então, que muitas expressões das iniciativas pastorais ressentem o peso, porque em primeiro lugar fica a iniciativa e não a pessoa".

O Papa sustenta que «a tentação de uma despersonalização da pessoa» (EG 82) para promover a organização, é real e comum. O Papa insiste: «Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização» (EG 83).

Da mesma forma, «os desafios da nova evangelização deveriam ser tomados mais como uma oportunidade para crescer e não como uma razão para cair em depressão. Há então que afastar o sentido de derrota » (EG 84). É necessário recuperar o relacionamento interpessoal. O Evangelho convida-nos a abraçar o outro que nos interpela com os seus sofrimentos e reivindicações (EG 88).

3. 6. Sistema económico injusto

De qualquer forma, entre os muitos desafios do mundo atual, bem como aqueles que são mais comuns e mais recorrentes, é necessário identificar aqueles que afetam de forma mais direta a vida.

O sentimento diário de insegurança, com consequências terríveis, "as formas variadas de disparidade social" (EG 53); «o fetichismo do dinheiro e a ditadura de uma economia sem rosto» (EG 55), "a exasperação de consumo e consumismo desenfreado" (EG 60); em suma, estamos perante uma globalização da indiferença" e desprezo irónico em relação à ética, onde continuamente marginaliza qualquer reivindicação crítica frente ao domínio do mercado.

«O processo de secularização tende a reduzir a fé da Igreja e do reino do privado e do íntimo» (EG 64) .

Se a Igreja ainda oferece uma grande credibilidade em muitos países do mundo, incluindo aqueles onde é minoritária, é porque o seu trabalho de caridade e de solidariedade é notório (EG 65).

Na evangelização do nosso tempo, portanto, especialmente nos desafios das grandes culturas urbanas» (EG 71), os cristãos são convidados a fugir de duas expressões que ferem a

sua própria natureza, e para o Papa Francisco geralmente é definido como "mundanidade" (EG 93).

Primeiro de tudo, «o fascínio do gnosticismo»; ou seja, uma fé que está fechada em si mesma, nas suas certezas doutrinárias e faz o seu próprio critério de verdade e de experiências para julgar os outros.

Além disso, o neopelagianismo auto referencial e prometaico daqueles que argumentam que a graça é apenas um acessório, enquanto o que cria progresso são apenas o próprio compromisso e as próprias forças. Tudo isto contradiz a evangelização.

Cria um tipo de elitismo narcisista e autoritário, que deve ser evitado (EG 94). O que queremos ser? Pergunta-se o Papa: "generais de exércitos derrotados ou simples soldados de um esquadrão que continua a lutar? O risco de uma Igreja mundana por trás de cenários espirituais ou pastorais" (EG 96), não é oculto, mas real.

Devemos, então, não sucumbir a essas tentações, mas oferecer o testemunho de comunhão (EG 99). Isto se torna forte na complementaridade. A partir desta consideração, o Papa Francisco expõe a exigência de promover os leigos e mulheres (EG 103); do compromisso de vocações, começando pelos próprios sacerdotes (EG 104). Olhar a Igreja com todos os progressos destas décadas exige evitar a mentalidade do poder e transformá-la no serviço para a construção unitária da Igreja .

3. 7. Evangelização, tarefa para todo

Evangelização é uma tarefa de todo o povo de Deus, nenhum é excluído. Ela não é reservada nem pode ser delegada a um grupo específico. Todos os batizados estão diretamente envolvidos nela. Em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário [Mt 28,19] .

O Papa explica, no terceiro capítulo da exortação, como pode ser desenvolvida e os passos que expressa o seu progresso. Primeiro detém-se para mostrar "o primado da graça" que trabalha incansavelmente na vida de cada Evangelizador (EG 112).

Além disso, desenvolve o tema do "imenso papel desempenhado pelas diversas culturas no processo de inculturação do Evangelho e previne para a queda numa vaidosa sacralização da própria cultura» (EG 117). Indica o caminho fundamental da nova evangelização no encontro interpessoal (EG 127-129) e no testemunho de vida (EG 121).

Defende que a piedade popular deve ser valorizada, porque exprime a fé genuína de tantas pessoas neste mundo que dão um verdadeiro testemunho da simplicidade do encontro com o amor de Deus (EG 122-126).

Por fim, o Papa faz um convite aos teólogos, para que estudem as mediações necessárias para alcançar uma valorização das diversas formas de evangelização, a missão salvífica da Igreja (EG 133), mas não sem antes amplamente considerar o tema da homilia como forma privilegiada de evangelização, que precisa de uma verdadeira paixão e amor pela palavra de Deus e pelo povo confiado a nós (EG 135-158).

Em relação à homilia (ato de pregar do sacerdote durante a liturgia) explica que ela *não pode ser um* espetáculo de divertimento. "O pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse dos presentes, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé" (EG 138); evitar, assim, a aparência de uma palestra ou aula, e que a mensagem seja transmitida o espírito do amor de uma mãe por um filho (EG 139).

Anunciando o Evangelho aos outros, o Santo Padre destacou a importância de usar sempre uma linguagem positiva para indicar como podemos fazer melhor, e em qualquer caso não ficar prisioneiros da negatividade (EG 159). E convida a recuperar o primeiro anúncio: «Jesus ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo ao teu lado todos os dias, para te iluminar, fortalecer, para libertar». (EG 164)

Termina este capítulo central, o grande pulmão, insistindo que a evangelização requer gente que acompanhe os processos de crescimento, ouvindo, prestando um olhar respeitoso e compassivo, com paciência e prudência, aumentando a confiança dos que são evangelizados, a abertura e vontade de crescer (EG 169) .

3. 8. *Dimensão social da evangelização*

No que se refere ao primeiro ponto, com a nova evangelização "a Igreja sente como missão própria colaborar para resolver as causas instrumentais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como também o de gestos simples e quotidianos de solidariedade, frente a misérias muito específicas que encontramos a cada dia em frente dos nossos olhos" (EG 188). O que desponta destas páginas densas é um convite a reconhecer a força salvífica que têm os pobres, e que deve ser colocada no centro da vida da Igreja mediante a nova evangelização. "Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres" (EG 198).

De qualquer forma, isto significa que é necessário, primeiro, redescobrir a atenção, a urgência e a sensibilização para esta questão, muito antes de qualquer experiência concreta.

A opção fundamental pelos pobres diz o Papa Francisco, "é sobretudo, embora não exclusivamente, uma assistência espiritual e religiosa". Esta forma é prioritária sobre qualquer outro modo de atenção (EG 200).

Sobre estas questões, a palavra do Papa é espontânea, dita diretamente e sem rodeios. Um Pastor de uma igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos⁸⁴ (EG 210), não pode permitir desviar o olhar.

⁸⁴ O Papa Francisco refere muito este sentido maternal da Igreja. « Gosto muito desta imagem da Igreja como mãe. Por este motivo quis voltar a falar sobre ela, porque me parece que esta imagem nos diz não só como é a Igreja, mas também que rosto esta nossa Mãe-Igreja deveria ter cada vez mais». PAPA FRANCISCO, « Rosto da Igreja Mãe », *in Lumen*, serie III - nº 6, 2013, 31-32.

É por isso que, enquanto considera fortemente a questão dos migrantes, denuncia claramente novas formas de escravidão: "onde está aquele que matas a cada dia na pequena fábrica clandestina, na rede de prostituição, nas crianças que usas para a mendicância, naquele que deve trabalhar em segredo, porque não está devidamente contratado? Não façamos de conta que aqui não acontece nada. Existem muitas cumplicidades" (EG 211).

Para evitar mal-entendidos, o Papa defende com a mesma força a vida humana desde o seu primeiro começo e a dignidade pessoal do ser humano (EG 213).

Quanto ao segundo aspeto, o Papa propõe quatro princípios que são o denominador comum para crescer na paz e para a sua aplicação social concreta. Fazendo memória, talvez, de seus estudos sobre Romano Guardini, o Papa Francisco parece criar uma nova oposição polar; "recorda-se, com efeito, que o tempo é maior que o espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade é mais importante do que a ideia e que o todo é superior à parte" (EG 224). Estes princípios abrem-se à dimensão do diálogo como uma primeira contribuição para a paz e estende-se, ao longo da Exortação, ao campo da ciência (EG 238-242), do ecumenismo e das religiões não-cristãs (EG 247-249).

3. 9. Primazia da ação do Espírito Santo

O último capítulo pretende expressar o espírito da nova evangelização (EG 260). Este desenvolve-se sob a primazia da ação do Espírito Santo que infunde sempre e de novo o impulso missionário, a partir da vida de oração, em que a contemplação ocupa a posição central (EG 264).

3. 10. *Motivação para um renovado impulso missionário.*

O encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva.

Primeira motivação: O amor que recebemos de Jesus (EG 264). Segunda motivação: A forma de Jesus tratar os pobres (EG 265). Terceira motivação: Conhecer Jesus renova a vida pessoal (EG 266). Quarta motivação: Unidos a Jesus, procuramos a glória do Pai (EG 267), vivemos e agimos «para que seja prestado louvor à glória da sua graça» [Ef 1,6] (EG 267).

3. 11. *Título mariano: "Estrela da Nova Evangelização"*

"A Virgem Maria, a estrela da nova evangelização"⁸⁵ é apresentada, no final, como o ícone genuíno da ação de anúncio e transmissão do Evangelho que a Igreja é chamada a ser nas próximas décadas, com grande entusiasmo e amor inalterável para com o Senhor Jesus.

O extraordinário efeito evangelizador de Pentecostes, encontra o seu pressuposto no prolongado espaço dedicado pelos apóstolos à oração, junto de Maria. Ela, como Mãe, reúne, entrelaça e funde na unidade dos filhos entre si. Não é por acaso que estavam os discípulos "unidos em oração ao lado de Maria" [At 1,14].

Todo o pescador precisa ter uma "isca". A nossa melhor "isca" é alegria cristã, que atrai e cativa. Maria é invocada na Ladainha de Nossa Senhora, como "Causa da Nossa Alegria".

Como diz o Papa Francisco: «Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!» (EG 83).

⁸⁵Citando as palavras finais da *Evangelii Nuntiandii* de Paulo VI, onde pela primeira vez, nos documentos pontifícios, Maria é chamada com o título de Estrela da Evangelização

«Na manhã do Pentecostes, ela presidiu na prece ao iniciar-se da evangelização, sob a ação do Espírito Santo: que seja ela a estrela da evangelização sempre renovada, que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar, sobretudo nestes tempos difíceis mas cheios de esperança!» (EN 82).

É uma linguagem clara e imediata, sem retóricas ou rodeios, que ouvimos nesta Exortação Apostólica. O Papa Francisco vai à raiz dos problemas em que vive o Homem de hoje e que, por parte da Igreja, exigem muito mais do que uma simples presença. A ela se pede uma aplicada ação programática e uma renovada práxis pastoral que manifeste o seu compromisso com a nova evangelização. O Evangelho deve chegar a todos, sem exclusão de qualquer tipo. Alguns, no entanto, são privilegiados.

Para evitar mal-entendidos, o Papa Francisco apresenta a sua orientação: não tanto os amigos e os vizinhos ricos, mas especialmente os pobres, os doentes, aqueles que muitas vezes são desleixados e esquecidos...

Não podem restar dúvidas ou subsistir explicações que abalem esta mensagem tão clara (EG 48).

Como em outros momentos cruciais da história, também hoje a Igreja sente a urgência de afinar o olhar para cumprir a evangelização à luz da adoração; com um olhar contemplativo para continuar a ver os sinais da presença de Deus.

Os sinais dos tempos, não são apenas estimulantes, mas são tidos como um critério para um testemunho eficaz (EG 71).

A igreja, neste momento, encontra-se num período de "crise", pois a nossa sociedade só acredita no que vê, devido ao elevado cientismo, isso reflete-se na Igreja. Por exemplo, temos o Papa emérito, Bento XVI, um homem que domina a palavra e a Teologia, e que durante o tempo de papado, não conseguiu passar a sua mensagem na sociedade, por outro lado temos o Papa Francisco, que é um homem que se caracteriza por ações (afinal uma ação vale mais do que mil palavras), essas "ações" entranham-se no coração, de quem o acompanha. Ele é apenas um homem que está a fazer toda a diferença, mas, através dele, a Igreja Universal, pode tirar algumas ilações que podem fazer toda a diferença.

As identidades mais poderosas não devem ter como destaque o seu poder, mas sim o servir a Deus e aos outros; afinal é essa a sua finalidade.

4. Agentes da Nova Evangelização

Se considerarmos a atividade missionária da Igreja na sua totalidade, tal como foi descrita pelo Concílio Vaticano II, no Decreto Ad Gentes (AG 1), podemos distinguir duas modalidades: uma que é própria de todos os fieis, enquanto membros da Igreja e que consiste na "contribuição" que todo o cristão deve dar à extensão do Reino de Deus, com as suas orações, e os seus sacrifícios.

Outra, que a Igreja exorta continuamente os seus filhos a tomarem consciência deste dever missionário. Os Papas, nas sua encíclicas sobre as missões, como o Concílio, no capítulo VI do Decreto sobre a atividade missionária da Igreja, falam desta cooperação.

Nesta atividade absolutamente necessária, pode-se referir: a prestação pessoal de alguns cristãos chamados a tomar parte no anúncio do Evangelho e na obra do estabelecimento da Igreja, naqueles lugares a que ainda não chegou a mensagem de salvação. Os que nela tomam parte são os "agentes da evangelização".

4. 1. A Paróquia

É na paróquia que os agentes da Nova Evangelização se formam e amadurecem. Como o Papa elenca: "Que aprendamos a escutar a Palavra, a viver em caridade, anunciar a Boa Nova e celebrar os mistérios da nossa salvação" (EG 28) . João Paulo II sublinhou que a paróquia é «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas»⁸⁶.

⁸⁶ JOÃO PAULO II, Exortação. após-Sinodal *Christifideles laici* (30 de Dezembro de 1988), 26; AAS 81(1989), 438.

4. 2. O Papa

Ele é o sucessor de Pedro, o grande pregador do Evangelho (EN 67). Recebeu a tarefa de pregar a Boa-Nova e de confirmar os seus irmãos, os Bispos, nesta tarefa primordial (EG 32). Deixando de lado as considerações históricas, podemos dizer que é importantíssima, nestes últimos anos, a participação do Pontífice Romano na obra evangelizadora. Nenhum outro pregador é mais escutado que o Papa - e não só pelos cristãos senão também pelos não-cristãos. A sua palavra, falada ou escrita, chega aos confins da terra e reveste sempre os tons do apóstolo que anuncia a salvação de Jesus Cristo.

Grandes líderes mundiais reconhecem a força do Papa nas suas palavras e na sua imagem.⁸⁷

As grandes Exortações⁸⁸ sobre o tema de uma Nova Evangelização e tantos outros documentos, são um exercício, claro e eficaz, do seu ofício evangelizador.

"Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização" (EG 32).

4. 3. Os Bispos e Presbíteros

De seguida, surgem os bispos e sacerdotes que são os mestres da fé: educadores do Povo de Deus na fé, pregadores da Sua Palavra, ministros da Eucaristia e dos outros sacramentos:

⁸⁷ Numa entrevista ao diário *Corriere della Sera*, Obama (Presidente dos Estados Unidos) destaca a autoridade moral e a capacidade de influência de Jorge Mario Bergoglio. "O Santo Padre inspirou as pessoas de todo mundo e também a mim com seu esforço pela justiça social e sua mensagem de amor e compaixão, especialmente pelas pessoas que, entre nós, são as mais pobres e vulneráveis. Ele não se imita a proclamar o Evangelho: "ele o vive " 27 de março 2014.

(http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395911738_266596.html).

⁸⁸ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandii*, 1975 e Papa Francisco *Evangelii Gaudium*, 2013.

"A missão de evangelizar, própria do bispo, é participada e partilhada pelos sacerdotes que juntamente com ele formam o *unum presbyterium*, ou seja, um único corpo sacerdotal colocado ao serviço do povo de Deus, para anunciar a palavra e manter sempre viva a sua palavra, unida à celebração da ação litúrgica"⁸⁹.

"O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tenham um só coração e uma só alma" [Act. 4,32] , (EG 31) , (EN 67). Eles são os sucessores dos Apóstolos⁹⁰ e são, antes de mais, mestres da fé.

Como tal, o seu ofício de anunciar o evangelho com o seu magistério autêntico vai mais além dos limites do seu rebanho, na tríplice concretização em que deve permanecer, numa diocese: à frente, ao meio e atrás⁹¹.

À frente, a indicar a estrada e a sustentar a esperança do povo; manter-se ao meio de todos com a sua proximidade simples, acolhendo, e atrás ajudando aqueles que se atrasaram e *sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas* (EG 31). Deve estimular o diálogo pastoral, escutar todos sem aceção de pessoas .

Os Sacerdotes, enquanto chamados a proclamar com autoridade a Palavra de Deus, devem sentir, juntamente com os seus Bispos, este dever missionário de evangelizar.

O Papa Paulo VI persiste nesta nota, que deriva da profundidade e unidade da vida sacerdotal: saber-se chamado a anunciar o Evangelho de Deus.

Nestes tempos conturbados de crise, quando muitos têm dificuldade em encontrar a própria identidade sacerdotal, propõe o papa este motivo missionário como incentivo a reanimar a própria vida sacerdotal e a dar-lhe um conteúdo".

⁸⁹ Rino, FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012, 118.

⁹⁰ Cân. 375 §1.

⁹¹ O Papa denominou os chamados 'bispos de aeroporto' e pediu que os prelados saibam "permanecer" na missão que lhes foi confiada. E replicou : "Não vos fecheis! Ide entre os vossos fiéis, inclusive nas periferias das vossas dioceses e em todas as 'periferias existenciais' nas quais há sofrimento, solidão e degradação humana". <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=97012>.

4. 4. O Papel dos Religiosos Missionários

Os cristãos consagrados a Deus na vida religiosa têm também um papel especial a desempenhar na Evangelização do mundo. A história mostra-nos que eles têm sido sempre um "meio privilegiado de Evangelização eficaz" (EN 69).

A elas o Santo João Paulo II dedicou a sua carta apostólica por ocasião do V centenário da primeira evangelização do continente, intitulada no original, *Los caminos del Evangelio*⁹².

Escreve João Paulo II: "Os religiosos, que foram os primeiros evangelizadores- e contribuíram de modo tão relevante para manter viva a fé no continente, não podem faltar a esta convocatória eclesial da nova evangelização. Os diversos carismas da vida consagrada tornam viva a mensagem de Jesus, presente e atual em todo tempo e lugar"⁹³.

Encarnam o radicalismo das bem-aventuranças, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos. "Este seu testemunho silencioso, de pobreza e de despojamento, de pureza e de transparência, de entrega para a obediência, pode tornar-se, ao mesmo tempo que uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja, uma pregação eloquente, capaz de tocar o coração mesmo dos não-cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores" (EN 69).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa refere as tentações dos agentes pastorais na sua vida missionária com uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia, o que leva a viver os próprios deveres como simples acréscimo da vida, como se não fizesse parte da sua igualdade. Leva a um distanciamento com o próximo e a uma negatividade da paixão do Evangelho (EG 78).

Lança um grito desafiador: "Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário" (EG 80).

⁹²Raniero CANTALAMESSA, *Horizontes para uma Nova Evangelização*, Lisboa, Paulus, 2012, 46-47.

⁹³JOÃO PAULO II, *Los caminos del Evangelio*, nº24, AAS 83 (1991), 22ss.

4. 5. *Leigos*

Bento XVI aprofundou o papel dos leigos na Igreja, coresponsabilidade: Igreja e sociedade.

Ele dizia que a coresponsabilidade (eclesial) exige uma mudança de mentalidade no que diz respeito ao papel dos leigos na Igreja, que devem ser considerados não como colaboradores do clero, mas como pessoas realmente coresponsáveis pelo modo de ser e de agir da Igreja⁹⁴.

São eles que, graças à sua disponibilidade e voluntarismo, se revelam os grandes empreendedores de um apostolado além fronteiras, marcado por uma originalidade própria e enriquecedora. Os leigos têm uma grande tarefa neste processo: acolher e pôr em prática uma autêntica e comprometida vivência cristã. No dia-a-dia e na animação litúrgica, os leigos são chamados a ser e a ter presença ativa no seio das suas comunidades, nomeadamente através dos mais variados ministérios, colaborando com os párocos (EN 70).

Ao nível dos leigos, a família é o espaço para desenvolver e frutificar a mensagem de Jesus Cristo; uma Igreja doméstica, como foi apelidada no Concílio Vaticano II.

"Todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados. É nela que deve ser configurada qualquer vocação, incluindo a sacerdotal" (EN 71). Além da família, salientam-se os jovens como igualmente necessários para uma evangelização de futuro. Serão eles os adultos de amanhã, as famílias empenhadas, os leigos comprometidos. Bem formados na fé e na oração, são instrumentos para novos anúncios de Cristo (EN 72).

É de salientar a falta de evangelização primária no seio da família⁹⁵. A Igreja continua a pressupor um efetivo trabalho de iniciação à fé por parte da família e da escola, e não predispõe um caminho de geração de fé enquanto elemento primário da ação pastoral.

⁹⁴ <http://www.zenit.org/pt/articles/os-leigos-sao-co-responsaveis-no-ser-e-no-agir-da-igreja>.

⁹⁵ Armando MATEO, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, Prior Velho, Paulinas, 2013, 11.

5. Caminhos e meios de uma Nova Evangelização

Segundo o mandato de Cristo, a evangelização consiste em anunciar o Evangelho, em estabelecer a Igreja ensinando a todas as nações, iniciando o batismo e aperfeiçoando a obra com os sacramentos, especialmente com a Eucaristia.

A tarefa de evangelizar realiza-se com o poder que procede da autêntica autoridade obtida por Cristo através da cruz e manifestada na ressurreição. Assim, o mandato de Cristo está intimamente unido ao Mistério pascal, exige a fé pascal dos Apóstolos e deve permanecer sempre na Igreja, através dos tempos. Deste modo, vemos nitidamente, como a evangelização reveste um sinal característico que é kerigmático, sacramental e eclesial.

A evangelização é um processo dinâmico em que sucedem duas correntes: a missão salvífica que procede do Pai através do Filho no Espírito Santo e a que, por meio do testemunho de fé dos apóstolos e de todo o povo de Deus, que ao comunicar essa fé, com a ajuda da graça Divina, cresce mais firmemente (LG 4) .

Esta visão teológica⁹⁶ clarifica de imediato a verdade; a evangelização é obra de Cristo, através do Espírito Santo: e, quando falamos em caminhos e meios de evangelização, devemos entender que não se trata somente dos seres humanos, ou até de uma única sociedade, mas de uma tarefa de Cristo, realizada por meio dos seus seguidores como instrumentos⁹⁷ pelos membros da Igreja, na qual continua a presença de Cristo.

5. 1. Pregação do Evangelho

A pregação da mensagem evangélica é fundamental na obra da Evangelização, porque a fé provém da escuta da palavra de Deus, e o que se ouve vem pela pregação de Cristo.

⁹⁶ Esta visão teológica é necessária para agarrar plenamente o caráter sobrenatural da evangelização. Bem diversa da propagação de uma ideologia meramente humana; também é necessária esta visão para se dar conta da natureza divino-humana dos caminhos e meios de evangelização.

⁹⁷ A palavra «instrumento» deve ser entendida corretamente neste contexto. Não implica que os crentes são instrumentos de evangelização de modo forçado, os crentes são livres, chamados a colaborar voluntariamente com Deus.

Pregar o Evangelho é pregar a Palavra de Vida, a Boa Nova da vida de Deus à humanidade. Estes pensamentos encheram o coração dos Apóstolo João, como é posto em evidência quando diz: "O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, de facto, a Vida manifestou-se; nós vimo-la, dela damos testemunho e anunciamos-vos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Escrevemos-vos isto para que a nossa alegria seja completa" [1Jo 1,1-4].

Quem quer que receba a Boa Nova no seu coração, passa realmente da morte para a vida, porque Jesus nos garante: "As palavras que vos digo são espírito e vida" [Jo 6,14].

Neste contexto, a proclamação de Deus vem a ser destino e salvação do Homem. Desde que o Apóstolo Pedro pregou naquela manhã de Pentecostes, a semente de mostarda começou a germinar e o fermento do reino de Deus começou a ser fermento para toda a humanidade. Os Atos dos Apóstolos testemunham: "A palavra de Deus crescia e aumentava no mundo" [Jo 6,7] e com ela crescia e aumentava a Igreja, o Corpo de Cristo, a vida de Deus no Homem.

A simples presença no mundo, testemunhar com a vida e com as palavras, o que se crê, a boa vontade de servir os outros, não basta. Ela deve proclamar o Evangelho com a palavra da sua boca, ao mesmo tempo que testemunha a verdade com a sua vida . O anúncio do Evangelho deve ser feito de tal modo que aqueles que não são cristãos possam encontrar a fé e converter-se livremente ao Senhor. Tal conversão ao Senhor define-se como aquele que faz a pessoa cair em si mesmo e dar conta que, aliviado do pecado, é introduzido no mistério do amor de Deus que chama a entrar numa relação pessoal com o Pai.

Que fique claro neste aspeto, que não deve ser uma conversão forçada ou uso de qualquer meio para exortar à conversão.

Embora a palavra "conversão" não goze muito da simpatia no nosso tempo atual, seria difícil encontrar uma palavra mais dinâmica para exprimir a ideia de chegar à aceitação da fé e à comunhão com a Igreja. Não se pode negar que o Homem de hoje parece estar cansado de escutar e de falar, e algumas vezes até fecha a mente à palavra falada. Uma cultura visual⁹⁸ pode ir dando lugar à cultura expressa com palavras.

Encontramos, neste contexto, sérios efeitos para o pregador do Evangelho, e também oportunidades únicas.

O pregador não pode esperar atrair os ouvintes, movê-los ou levá-los a Cristo, se a sua linguagem for abstrata e se os seus meios de comunicação necessitarem de imagens. O Homem moderno apresenta uma vasta variedade de níveis na sua educação. Está dominado pela era da publicidade e move-se pela imagem e ação. Todos estes meios podem ser aproveitado na proclamação do Evangelho.

A *Evangelii nuntiandi*⁹⁹ refere-se a várias formas de pregar. Porém, o momento elevado para pregar é a homilia, durante a celebração eucarística.

A palavra de Deus sai dos lábios do apóstolo e chega ao coração da pessoa que por sua vez faz surgir a fé e esta sobe aos lábios do cristão e proclama a Boa Nova.

A maneira de pregar Deus não consiste na demonstração da verdade, mas na caridade¹⁰⁰.

O êxito da pregação está não só em que se conheça o que se deve amar, mas acima de tudo em que se ame o que se conhece. Se a pregação for simples, clara, bem orientada,

⁹⁸ Apenas, para exemplificar, recordemos alguns recursos práticos que podem enriquecer uma pregação e torná-la mais atraente. Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens. Às vezes usam-se exemplos para tornar mais compreensível algo que se quer explicar, mas estes exemplos frequentemente dirigem-se apenas ao entendimento, enquanto as imagens ajudam a apreciar e acolher a mensagem que se quer transmitir. Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar, próximo, possível, relacionado com a própria vida. Uma imagem apropriada pode levar a saborear a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo e motiva a vontade na direção do Evangelho. Uma boa homilia, como me dizia um antigo professor, deve conter «uma ideia, um sentimento, uma imagem». *Evangelii Gaudium* n°157.

⁹⁹ EN 42-43.

¹⁰⁰ O Papa Francisco afirmou o estilo da pregação dos católicos deve ter como atitudes “a humildade, o serviço, a caridade e o amor fraterno”. <http://www.aleteia.org/pt/religiao/noticias/papa-francisco-pregacao-do-cristao-dever-a-humildade-1112001>.

adaptada aos ouvintes, que fale ao coração, firmemente fundamentada nos ensinamentos do Evangelho e seu Magistério, produzirá frutos abundantes. Ela requer algum tempo de estudo e reflexão.

"A sua preparação é uma tarefa tão importante que convém dedicar-lhe um tempo longo de estudo, oração, reflexão e criatividade pastoral" (EG 145). "Um pregador que não se prepara não é "espiritual" : é desonesto e irresponsável quanto aos dons que recebeu" (EG 145).

5. 2. *Contacto pessoal*

A comunicação do Evangelho de pessoa a pessoa, individual, por meio de contacto pessoal, é também fundamental na obra da evangelização. Jesus Cristo também lançou mão da aproximação pessoal. Além da pregação às multidões, travou o diálogo pessoal com Nicodemos [Jo 3,1-21], com a Samaritana [Jo 4,1-40] com Zaqueu [Lc 19,1-10].

Os Apóstolos usaram o mesmo método de evangelização.

Os discípulos anunciando a Jesus Cristo no templo e nas casas [Act 5, 42]; Paulo e Silas pregando o Evangelho na prisão [Act 16, 31]; o diácono Filipe pregando durante uma viagem a Atos, [Act 8, 29]. Paulo recomenda a Timóteo: "que pregues a palavra, que insistas a tempo e fora de tempo..." [2Tm 4,2].

Assim, o plano de evangelização da Igreja do Senhor Jesus Cristo deve ser: "todas as pessoas em todos os lugares".¹⁰¹

Evangelizar é caminhar juntos - pessoas ou grupos- para se ouvirem e enriquecerem, aprofundarem o evangelho com o intercâmbio fraterno das convicções e o testemunho de uns

¹⁰¹ "A Evangelização supõe zelo apostólico. É preciso sair, caminhar em direção aos necessitados, anunciar o Evangelho nas periferias "(Card. Fernando Filoni, comentando a escolha do novo Papa) <http://www.news.va/pt/news/vaticano-card-filoni-papa-francisco-nos-exorta-a-e>.

e de outros. A evangelização implica isso mesmo, uma séria e autêntica interrogação e resposta entre as pessoas, dentro do processo pela qual o ser e a verdade do Evangelho se comunica a outras pessoas.

Neste encontro de pessoas, o evangelizador¹⁰² não só se torna ele mesmo disponível para os outros, mas também se dá conta como pessoa em toda a sua situação vital e pessoal, à imagem de Jesus Cristo.

A evangelização implica credibilidade e esta obtém-se, sobretudo, a nível pessoal, de confiança e abertura mútua. A evangelização é um tipo de comunicação afetiva, porque está baseada no amor e estima evangélica, porque o autor desta mensagem é Jesus Cristo¹⁰³.

É também uma mensagem persuasiva porque o evangelizador colocou a sua fé, enraizada numa firme crença e convicção, o qual é fundamental para a salvação dos outros. Neste método do contacto pessoal, há também a oportunidade do evangelizador detetar as reações de quem escuta, reações que não podem ser verbais, mas algo atinente à vida e à morte, isto é, ao destino do homem e à salvação; referindo-se concretamente ao testemunho da mensagem evangélica e ao amor de Deus realizado em Jesus Cristo.

O sinal fundamental nesta evangelização do contato pessoal é dirigido ao Homem e à necessidade de ele se dirigir por si mesmo a Jesus Cristo.

¹⁰² «Testemunhar e anunciar a mensagem cristã conformando-se com Jesus Cristo»: é este o «estilo do evangelizador» Bento XVI na homilia da missa celebrada na praça de São Pedro no domingo de manhã, 21 de Outubro de 2012. <http://www.zenit.org/pt/articles/eles-consumiram-a-sua-existencia-na-consagracao-total-a-deus>.

¹⁰³ "A evangelização, em todo tempo e lugar, teve sempre como ponto central e último Jesus, o Cristo, o Filho de Deus [Mc 1,1]; e o Crucificado é por excelência o sinal distintivo de quem anuncia o Evangelho: sinal de amor e de paz, chamada à conversão e à reconciliação".

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo_po.html.

5. 3. A Catequese

A Catequese tem que ser entendida como um *processo total de Evangelização*; "tem um papel fundamental o primeiro anúncio, ou *Kerigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O *Kerigma* é trinitário" (EG 164).

Assim, a Catequese desempenha um papel crucial no seio da missão evangelizadora da Igreja, ainda que um olhar, célere, sobre a história da Igreja mostre que uma das principais atividades de um bispo é a catequese.¹⁰⁴ A mensagem evangelizadora da Igreja, hoje como sempre, é a mensagem evangelizadora de Jesus e dos Doze (EN 15).

A *Evangelii Nuntiandi* apresenta claramente a catequese como um dos meios que fazem parte da Evangelização. Este contributo é tão importante que o qual Diretório Geral da Catequese o sublinha, no prefácio: "No futuro, a atividade catequética deverá ser considerada como participante das urgências e afãs próprios do mandato missionário para o nosso tempo" (DGC 4). Isto quer dizer que a catequese, sem se confundir com o primeiro anúncio, tem de ter sempre um caráter missionário e manter sempre viva, renovando-a, a conversão a Jesus Cristo (EN 54).

Na verdade, a Evangelização é um processo rico, complexo e dinâmico. Diz-nos o Papa Paulo VI que: " A Evangelização é um processo complexo com diversos elementos, desde a renovação da Humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de Apostolado" (EN 24). Deste modo, entendemos que a Evangelização é um processo de totalidade, na integração de todos os seus elementos constituintes.

¹⁰⁴ Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012, 105.

O Decreto "*Ad Gentes*" do Concílio Vaticano II, sobre a atividade missionária da Igreja, descreve muito bem a dinâmica do processo evangelizador, mostrando a lógica interna mediante a qual os seus elementos se sucedem: o testemunho de vida e diálogo, a presença da caridade; o primeiro anúncio do Evangelho e conversão; catecumenado e iniciação cristã; formação da comunidade cristã e apostolado (AG 11-15).

Atualmente tem-se feito e vão-se fazendo, por toda a parte na Igreja, tentativas de escrever novos catecismos.

Os métodos devem ser bem adaptados à idade, cultura e aptidões das pessoas; deve-se procurar inculcar neles sempre os componentes principais da mensagem, as verdades essenciais que devem embeber toda a vida. É bom que a Catequese preste especial atenção à "via da beleza (*via pulchritudinis*)"¹⁰⁵ (EG 167).

Antes de ser um exercício intelectual, a catequese deve ser um meio para inculcar um modo cristão de viver. É necessário que haja cursos organizados para preparar os catequistas, e a instrução e educação religiosa deve ser dada na Igreja, nas escolas, e em lugares cristãos.

O catecumenado não é um período de mera formação intelectual que consista numa explicação dos dogmas e dos mandamentos, mas um período de formação real, por meio da qual o neófito é iniciado no mistério da salvação e introduzido, por meio da prática moral evangélica e da participação da liturgia, na vida cristã da fé e do culto. Tal iniciação cristã, durante o catecumenado, deve ser confiada não só aos catequistas, mas a toda a comunidade cristã, especialmente aos padrinhos, de modo que os catecúmenos sintam que pertencem à Igreja.

A Catequese é uma tarefa necessária e primordial, no seio da missão evangelizadora da Igreja.

¹⁰⁵ Proposição 20 "Nova forma de Evangelização e beleza".

A via *via pulchritudinis* pertence de modo privilegiado à missão de anunciar o Evangelho porque pertence à sua própria natureza, exprimir o amor com a beleza.

Pois, sem ela, a ação missionária, não teria continuidade, nem se tornaria fecunda. De igual modo, sem a catequese, a atividade pastoral de comunidade cristã, não seria profunda, mas algo superficial e, por conseguinte, frágil e inconsequente.

5. 4. *Comunicação social*

Os meios de Comunicação Social são os primeiro areópagos¹⁰⁶ dos tempos modernos e a Igreja não pode continuar à sombra dos púlpitos e das salas de catequese (que nunca deixarão de ser importantes).

Tanto para o bem como para o mal, sob qualquer aspeto que se olhe, estamos perante um areópago moderno ao qual o cristão não pode permanecer estranho¹⁰⁷. Os mass-média geram uma nova cultura e passar ao lado deles é perder o comboio dos tempos que correm.

A Igreja é depositária de uma mensagem de vida e de salvação que tem por obrigação (por vocação e missão) de fazer chegar a cada uma das pessoas espalhadas pelos quatro cantos do mundo. É uma responsabilidade enorme que não pode declinar e que tem que assumir, utilizando todos os meios ao seu alcance. E os meios de Comunicação Social são uns dos caminhos privilegiados.

Não podemos ter ilusões: os Meios de Comunicação, sobretudo os da imagem, são, no mundo atual, a grande "mesa da palavra", talvez a única em que o nosso tempo ainda se senta. São eles que forjam e modelam o Homem do nosso tempo.

Os parâmetros éticos, a identidade da família, os valores que articulam o nosso viver, e o nosso agir, passam por aí. Quer queiramos quer não, vivemos muito mais de imagens que auferimos do que dos catecismos e das ideias teológicas que aprendemos.

¹⁰⁶ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990), 37: AAS 83 (1991), 285.

¹⁰⁷ Rino FISICHELLA, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012,89.

Atendendo a um veloz progresso de inovações tecnológicas e da influência sobre a formação de mentalidades e dos costumes, os meios de comunicação constituem uma nova fronteira da missão da Igreja. Não é uma fronteira fácil de ultrapassar, pois a Igreja tem mostrado, ao longo da sua história, dificuldades em se inserir neste espaço. Mas não apostar nestes meios, seria perder a oportunidade quase única de atingir o mundo de hoje; ou passa pelos canais da comunicação ou ficará arquivado para os domingos e dias de festa¹⁰⁸.

A revolução das comunicações afeta a percepção que se pode ter da Igreja e contribui para a modelação das próprias estruturas e funcionamento, com inúmeras consequências pastorais: tanto se pode recorrer aos mass-média para proclamar o Evangelho, como para os afastar do coração do Homem. É esta dualidade de funções dos Meios de Comunicação Social que a Igreja não deve ter medo de arriscar e ser arrojada no anúncio da sua palavra, utilizando estes meios cada vez mais modeladores de mentalidades e consciências.

Os mass-média só estarão ao serviço da comunidade humana quando o Evangelho for anunciado como palavra profética e libertadora, quando tomar posição pela justiça, solidariedade e estiver ao serviço da comunhão de todos. Os Meios de Comunicação Social têm como papel social a contribuição para a garantia do direito humano à informação, à promoção da justiça, à procura do bem comum, à assistência aos grupos e povos em busca da uma só verdade.

Neste encadeamento, podemos aceitar que a Igreja tem de estar em alerta no mundo, com o Evangelho numa mão e o (tele)jornal na outra, para poder evangelizar. A Igreja hoje, dificilmente será sinal de Jesus Cristo, sal da terra e luz do mundo, sem recorrer, adequadamente aos Meios de Comunicação Social, até porque eles são dons de Deus, criadores de laços de solidariedade entre todos. São uma grande oportunidade para quem está

¹⁰⁸ A. TORRES NEIVA, "Comunicação Social - a nova fronteira Missão", in *Revista Encontro* 5 (1981), 5.

empenhado na busca religiosa pessoal ou, inclusive para quem sente curiosidade de encontrar-se com a transcendência.

5. 5. O Papel dos sacramentos

A evangelização tem a sua plena realização não na comunicação da doutrina, mas na administração dos sacramentos, pois está cheia de vida sobrenatural, isto é, da comunicação divina. A evangelização revela o seu profundo e total significado quando se estabelece uma conexão entre Palavra e Sacramentos. A Palavra está intimamente relacionada com a assembleia eucarística. Em Lc 24,13-25, faz-se ressaltar o vínculo entre Palavra e o partir do Pão.

Assim, podemos verificar que, desde o princípio, a vida da Igreja depende da Palavra que reúne a comunidade de crentes e a nutre com a profundidade da mensagem evangélica. Esta Palavra é galvanizada, na sua primeira fase, pelo sacramento que dá a vida ao povo de Deus.

E, numa segunda fase, pelos sacramentos que fazem crescer este povo até alcançar a plenitude de Cristo. Deste modo, a proclamação do Evangelho e administração dos sacramentos estão intimamente unidas uma à outra. Assim, a catequese dá sentido e significado aos sacramentos e os sacramentos são o meio de realizar, na realidade atual, a mensagem do Evangelho.

São eles que constituem e nos unem enquanto comunidade cristã, porque provindos de Cristo (EN 47) .

5. 6. Piedade popular¹⁰⁹

Quem deu um impulso decisivo nesta direção foi Paulo VI, na sua Exortação *Evangelii nuntiandi*. O que denominamos de religiosidade popular é muitas vezes associada a uma forma menos pura de se viver e expressar a fé, porque está aberta frequentemente a deformações da religião, nomeadamente às superstições, e permanece, muitas vezes, a um nível muito básico de adesão de fé, o que pode eventualmente levar à formação de seitas ou de cultos mais secretos. No entanto, na sua verdadeira orientação, a religiosidade popular é também uma via para saciar essa sede de Deus.

Terá de ser por uma autêntica pedagogia da evangelização que a piedade popular ganhará o lugar devido e assumirá um papel concreto e relevante no seio da comunidade (EN 48 ; EG 123).

Tendo em conta as ilimitadas da religiosidade popular, há nela muito de positivo e válido, que deve ser usado como instrumento de Evangelização. Deve centrar-se a atenção nos seus elementos válidos, por exemplo, a confiança na Providência Divina, o sentido transcendental da vida, a devoção à Virgem Santíssima.

Esta piedade popular pode muito bem ser o princípio da Evangelização do mundo contemporâneo, pois constitui uma valiosa base inicial para uma Evangelização.

As peregrinações desempenham um papel importante na religiosidade popular. Ano após ano, milhares de peregrinos acorrem aos santuários, nas várias partes do país, procurando obter a purificação do seus pecados, cumprir uma promessa, etc. Em todas as

¹⁰⁹ A própria expressão "piedade popular" significa hoje um "entendimento" peculiar de vida, um ato de construção do mundo de forma adequada às trajetórias culturais da comunidade. Trata-se de um lugar de comunicação, onde a pessoa, a comunidade e a transcendência jogam a diferentes níveis. José da SILVA LIMA, *Entre rezas e Romarias*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011, 160.

idades, o santuário é lugar de memória e por isso como sítio histórico, e constitui um íman que atrai as gerações¹¹⁰.

O caminhar juntos para os santuários e a participação noutras manifestações da piedade popular, é em si, um gesto evangelizador (EG 124). Os peregrinos tomam parte em cerimónias e procissões, escutam sermões e leituras da Sagrada Escritura e fazem vigília diante do Santíssimo Sacramento, das imagens de Nossa Senhora ou até dos santos.

Para compreender esta necessidade, é preciso olhar com amor, misericórdia, como um olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, ou condenar mas amar (EG 125).

¹¹⁰*Ibidem*, 88.

CONCLUSÃO

Eis-me chegado ao fim do trabalho a que me propus. Mais ainda que no início, estamos conscientes dos limites.

Em contrapartida, tomámos maior consciência quer da importância e atualidade da temática abordada, quer das exigências que esta coloca à ação pastoral da igreja, nos dias de hoje.

O ponto de partida e o centro deste trabalho é partir novamente (e sempre) do Evangelho. Por mais de 50 anos, isto é, desde o Vaticano II, as missões foram objetos de análises na sociedade. Sem dúvida devemos continuar a fazer estas análises, se não queremos perder a "carruagem" da história cuja "locomotiva" é o Espírito Santo.

Os tempos que estamos a atravessar são delicados e árduos, as mudanças contínuas e rápidas (EG 2); porém, não podemos estacionar nas análises das causas que nos levaram à situação atual.

Não basta determinar estratégias orientadas para configurar um futuro ainda incerto ou uma "simples administração"¹¹¹ (EG 25). Urge um esforço para usar meios essenciais para antecipar um caminho de conversão pastoral.

Tanta gente que vive uma grave crise de valores e perdeu as referências espirituais e espera de novos agentes pastorais uma presença tangível de Deus, de amor, que vão à procura da "ovelha perdida" [Lc 15,3-7] com obras e gestos, "tocando a carne sofredora de Cristo no povo" ; "o cheiro da ovelha perdida" (EG 24).

Perante todas estas dificuldades, é preciso despertar, interpelar os homens e as mulheres de hoje, para oferecermos uma proposta, saindo de uma "Quaresma sem Páscoa" e dizer às pessoas, como o Anjo disse aos pastores, em Belém: "Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo" [Lc 2,10].

A atestar quer a importância, quer a atualidade desta temática do trabalho que agora

¹¹¹ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, Documento de Aparecida (29 de Junho de 2007),201.

se conclui, parece-me oportuno citar a mensagem de encerramento do Sínodo: "Ide por todo o mundo, e fazei discípulos de todas as nações [...] E Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo" (Mt 28, 19.20).

A missão da Igreja não se destina só a uma extensão geográfica, mas vai até às dobras mais escondidas do coração dos nossos contemporâneos, para os reconduzir ao encontro com Jesus, o vovente que se torna presente nas nossas comunidades¹¹².

¹¹²http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_po.html.

BIBLIOGRAFIA

ALCALÁ, Manuel – *Historia del Sínodo de Los Obispos*. Ed. Biblioteca de Autores Cristianos. BAC, Madrid, 1996.

A ALCALÁ, Manuel, *Sínodos, Concilios, Iglesias*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1998.

AGUILLAR, F., “*Id al mundo entero*”. *La Nueva Evangelización en el pontificado de Benedicto XVI*, in *Alfa y Omega* 822 (2013) 25.

AMATO, A., *Alcuni aspetti dell’evangelizzazione – La Nota della Congregazione per la Doutrina della Fede*, in *Euntes Docete* 61 (2008) 187-198.

ANDRADE, C., *La nueva evangelización ante el desafío cultural europeo*, in *Revista de Espiritualidad* 51 (1992) 85-105.

ANDRÉS, J., *La urgência de la Evangelización*, in *Studium Legionense* 51 (2010) 83-101.

ARANDA, A., *Renovación de la Iglesia y Nueva Evangelización*, in *Scripta Theologica* 44 (2012) 675-692.

_____, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença* (Lisboa: Paulus 2012).

BIBLIA DE JERUSALÉM, edições paulinas, São Paulo, 1996.

BERZONA, Raúl - GALETTO, Gerardo, *Hablemos de Nueva Evangelización. Para que sea nueva e evangelizadora*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 2012.

BENTO XVI, *Carta Apostólica Porta da Fé, Indicações Pastorais para o Ano da Fé, A Nova Evangelização para a transmissão da Fé Instrumentum laboris do XIII Sínodo dos Bispos*, Revisão do texto em português, apresentação e comentários Herculano Alves OFM Cap, Difusora Bíblica, Lisboa, 2012.

BERZONA, Raúl - GALETTO, Gerardo, *Hablemos de Nueva Evangelización. Para que sea nueva e evangelizadora*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 2012.

Código de Canones de las Iglesias Orientales. Edición bilingüe comentada. Ed. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1994.

Código de Direito Canónico. 4ª edição revista. Ed. Apostolado da Oração. Braga, 1983.

Catecismo da Igreja Católica. 2ª edição revista e actualizada. Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.

Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia / Peter Eicher; [tradução João Resende Costa]. – São Paulo: Paulus, 1993.

CANTALAMESSA, R., *Horizontes para uma Nova Evangelização*, Lisboa, Paulus 2012.

CADERNOS ISTA, *Comunicação e Pregação*, Indugráfica Lda, Lisboa, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia princípios e orientações*, tradução António Maia da Rocha, Paulinas, Lisboa, 2003.

CAÑARDO, S., *Nueva experiencia de evangelización: la preparación de adultos para el bautismo*, in *Scripta Theologica* 44 (2012) 719-737.

CARRÉ, P., *A iniciação cristã na perspectiva da nova evangelização*, in *Pastoral Catequética* 24/25 (2012/2013) 125-137.

CAVALLOTTO, *Catechesi a modelo catecumenale* – Euntes Docete LVI/1, 2003, 7-18.

_____, *Nueva evangelización*, in LATOURELLE, R. (Dir.), *Diccionario de Teología Fundamental*, Madrid: San Pablo 1992, 453-459.

CARRÓN, J., *¿Qué significa ser cristiano hoy?*, Madrid: Encuentro 2011.

CLEMENTE, M., *O tempo pede uma Nova Evangelização*, Lisboa: Paulinas 2012.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

Derecho Canonico Posconciliar. Ed. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1967.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO CELAM, *Comunicação: missão e desafio: manual de pastoral de Comunicação Social*, tradução Roque Fragiotti, Paulinas, São Paulo, 1988.

- DAS NEVES, Carreira, *O Coração da Igreja tem de Bater*, Entrevista conduzida por DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO CELAM, *Comunicação: missão e desafio: manual de pastoral de Comunicação Social*, tradução Roque Fragiotti, Paulinas, São Paulo, 1988.
- DE OLIVEIRA, Anacleto, *Um ano a caminhar com São Paulo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008.
- DÍAZ, A., *Una lectura de los “Lineamenta” del sínodo de los obispos 2012*, in *Studium Legionense* 53 (2012) 163-199.
- _____, *Desafíos teológicos de la Nueva Evangelización* (Madrid: Palabra 1999).
- DUPUIS, J., *Evangelización y misión*, in LATOURELLE, R. (Dir.), *Diccionario de Teología Fundamental*, Madrid: San Pablo 1992, 437-447.
- Entrevista do papa Francisco ao padre António SPADARO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora*, Paulus, Lisboa, 2013.
- FLORISTÁN, Casiano, *Para compreender a Evangelização*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1997.
- FLORISTÁN, Casiano, *Para compreender o Catecumenado*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1995.
- FISICHELLA, R., *A exigência da formação cristã, para sermos mais fiéis e darmos testemunho do Evangelho*, in *Vida Católica* 38 (2011/2) 237-247.
- FISICHELLA, Rino, *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Tradução Mário Santos, Paulus, Lisboa, 2012.
- FERRERAS, A., *Fe cristiana y Nueva Evangelización*, in *Burgense* 53 (2012) 349-388.
- FUENTE, B., *La alegría de un amor hasta el extremo. Coordinadas de Jesús de Nazaret de J. Ratzinger*, in *Burgense* 52 (2011) 445-463.

GUADRÓN, Alfonso A., DÍAZ, Juan Manuel, ESCUDERO, Santiago, FUENTE, Fernando, SOUTO, Juan, *Doutrina Social de la Iglesia*, Biblioteca de Autores Cristianos Fundación Pablo VI, Madrid, 1996.

GIGLIONI, P., *Nuova Evangelizzazione e catechesi mistagógica*, in *Eutes Docete* 46 (1993) 257-275.

GILOT, EM BUSCA DA SIGNIFICAÇÃO TEOLÓGICA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO – *Itinerarium*, XL 1994, 3-40.

HERRERO, F., *La misión desde el mandato misionero del resucitado*, in *Burgense* 47 (2006) 357-374.

HERRERO, *San Pablo como estímulo en la nueva evangelización* – *Burgense* 50, 2009, 363-384.

JORNADAS MISSIONÁRIAS NACIONAIS 2004-2010, *Missão urgência e prioridade*, Obras Missionárias Pontifícias (OMP), Lisboa.

ILLANES, J., *Perspectivas para la Nueva Evangelización*, in *Scripta Theologica* 29 (1997/3) 749-770.

LIMA, José da Silva, *Entre rezas e Romarias*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.

_____, *La Nueva Evangelización, ¿qué es?*, in *Humanitas* 67 (2012) 434-444.

MONGE, M., *Fe y nueva evangelización*, Madrid, BAC, 2013.

MONGE, M., *Postmodernidad y nueva evangelización*, in *Revista de Espiritualidad* 51 (1992) 119-136.

OCÁRIZ, F., *Evangelización, Proselitismo y Ecumenismo*, in *Scripta Theologica* 38 (2006) 617-636.

KASPER, W., *A Nova Evangelização*, in *Pastoral Catequética* 24/25 (2012/2013) 89-106.

KÖRNER, B., *La transmisión de la fe e luz de la Nueva Evangelización*, in *Scripta Theologica* 40 (2008) 89-105.

Sínodo dos Bispos ,Mensagem ao povo de Deus; in *Lumen* 5 (2012) 23-24.

SOARES, Armando, *Na força da Missão*, Editorial Missões, Cucujães, 2008.

XIV SEMANA BÍBLICA NACIONAL, *Coimbra Bíblia na Nova Evangelização*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1992.

WEBGRAFIA

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20101024_chiusura-sinodo-mo_it.html (12 de março 2014).

(http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_ang_20101024_po.html) (14 de março 2014).

<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/ubicumque-et-semper> (10 de abril 2014).

http://dominusvobis.blogspot.pt/2013/04/sua-santidade-bento-xvi-o-papa-da_20.html)(14 abril 2014).

<http://www.agencia.ecclesia.pt/> (17 de abril 2014).

<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=75764> (20 de abril 2014).

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio_po.html (22 de abril 2014).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neologismo> (24 de abril 2014).

http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395911738_266596.html (26 de abril 2014).

<http://www.zenit.org/pt/articles/os-leigos-sao-co-responsaveis-no-ser-e-no-agir-da-igreja> (4 de maio 2014).

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo_po.html (6 de maio 2014).

<http://www.news.va/pt/news/vaticano-card-filoni-papa-francisco-nos-exorta-a-e> (7 de maio 2014).

ÍNDICE

SIGLÁRIO	3
INTRODUÇÃO	4
CAPITULO I - AURORA DO SÍNODO	6
1. Convocação e objetivo do Sínodo	6
2. Evangelização na História da Igreja	11
3. Aproximação a um conceito de Sínodo	15
<i>3. 1. Modo de atuação</i>	<i>17</i>
<i>3. 2. Quanto à metodologia</i>	<i>17</i>
<i>3. 3. Membros - no ordinário e no extraordinário</i>	<i>18</i>
4. Os <i>Lineamenta</i>, urgência e cenários da Nova Evangelização	20
CAPITULO II - DURANTE O SÍNODO	29
1. Instrumentum laboris	29
<i>1. 1. Ponto de partida.....</i>	<i>30</i>
<i>1. 2. O deserto interior</i>	<i>31</i>
<i>1. 3. Do lado interior da Igreja</i>	<i>32</i>
<i>1.4. O tecido da Nova Evangelização</i>	<i>33</i>
<i>1. 5. Irradiar a experiência cristã</i>	<i>34</i>
<i>1. 6. A Igreja do Ocidente cristão</i>	<i>35</i>
2. A caridade, a linguagem da Nova Evangelização	36
3. Intervenção do padres sinodais portugueses	38
4. Missa de encerramento do Sínodo	40

CAPITULO III - PÓS-SÍNODAL	43
1. Proposições	43
2. Renúncia do Papa Bento XVI	44
3. A alegria de um coração cheio de Evangelho	46
3. 1. <i>Novo ardor missionário, para a Nova Evangelização</i>	<i>47</i>
3. 2. <i>Sete pilares fundamentais</i>	<i>49</i>
3. 3. <i>Neologismos do Papado</i>	<i>50</i>
3. 4. <i>Conversão do papado</i>	<i>50</i>
3. 5. <i>Sem complexos de inferioridade</i>	<i>51</i>
3. 6. <i>Sistema económico injusto</i>	<i>52</i>
3. 7. <i>Evangelização, tarefa para todos</i>	<i>53</i>
3. 8. <i>Dimensão social da evangelização</i>	<i>55</i>
3. 9. <i>Primazia da ação do Espírito Santo</i>	<i>56</i>
3. 10. <i>Motivações para um renovado impulso missionário</i>	<i>57</i>
3. 11. <i>Titulo mariano: "Estrela da Nova Evangelização"</i>	<i>57</i>
4. Agentes da Nova Evangelização	59
4. 1. <i>A Paróquia</i>	<i>59</i>
4. 2. <i>O Papa</i>	<i>60</i>
4. 3. <i>Bispos e Presbíteros</i>	<i>60</i>
4. 4. <i>O Papel dos Religiosos Missionários</i>	<i>62</i>
4. 5. <i>Os Leigos</i>	<i>63</i>
5. Caminhos e meios de uma Nova Evangelização	64
5. 1. <i>Pregação do Evangelho</i>	<i>64</i>
5. 2. <i>Contato pessoal</i>	<i>67</i>
5. 3. <i>A Catequese</i>	<i>69</i>
5. 4. <i>Comunicação Social</i>	<i>71</i>

5. 5. <i>O Papel dos sacramentos</i>	73
5. 6. <i>Piedade Popular</i>	74
CONCLUSÃO	76
BIBLIOGRAFIA	78
WEBGRAFIA	83
ÍNDICE	84